

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



## ***Cyberbullying: o pensamento dos professores***

Dissertação de Mestrado em  
Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores

**Susana Veiga Simão de Azevedo Pereira**

**Coimbra, 2011**

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



## ***Cyberbullying: o pensamento dos professores***

Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e realizada sob orientação do Professor Doutor João Amado e co-orientação da Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro Pessoa.

**Susana Veiga Simão de Azevedo Pereira**

**Coimbra, 2011**

“The Internet is the first thing that humanity has built that humanity doesn't understand, the largest experiment in anarchy that we have ever had.”

Eric Schmidt, ex-CEO da *Google Inc.*

# Agradecimentos

---

Aos meus orientadores, Professor Doutor João Amado e Professora Doutora Teresa Pessoa, pela confiança, incentivo, dedicação e total disponibilidade. Foi uma honra trabalhar ao vosso lado.

A todos os professores da parte curricular do Mestrado por terem contribuído para a minha formação e valorização profissional e pessoal.

Ao Mestre Pedro Belo pelo apoio prestado no tratamento estatístico dos dados.

Aos Directores das escolas envolvidas nesta investigação. Sem a sua colaboração, não teria sido possível concretizar este desafio.

À Isabel Ferreira pelo apoio e, especialmente, pela amizade.

À minha Mãe e ao meu Irmão pelo apoio, incentivo, paciência e carinho ao longo desta jornada, tal como em todos os momentos da minha vida.

# Índice

---

Introdução .....	1
Capítulo 1: <i>Cyberbullying</i> : a verdade conhecida .....	6
1.1 – Definição de <i>cyberbullying</i> .....	7
1.2 – As faces do <i>cyberbullying</i> .....	8
1.3 – Os factores do <i>cyberbullying</i> .....	10
1.4 – Características do <i>cyberbullying</i> .....	11
1.5 – Consequências do <i>cyberbullying</i> .....	13
1.6 – Cyberbullying em Portugal e no Mundo .....	15
1.7 – Prevenção, formação e escola .....	19
Capítulo 2: A formação de professores e o <i>cyberbullying</i> .....	22
2.1 - Formação Contínua de Professores.....	23
2.2 - Sistema de Formação e Certificação em Competências TIC.....	25
2.3 - Formação sobre <i>cyberbullying</i> /segurança na Internet .....	27
Capítulo 3: Metodologia .....	29
3.1 – Opção metodológica.....	30
3.2 – Questões de investigação .....	30
3.3 – Caracterização da amostra.....	33
3.4 – Instrumento .....	36
3.4.1 – Consistência interna.....	39
3.5 – Procedimentos na recolha de dados .....	40
3.6 – Tratamento dos dados .....	40

Capítulo 4: Análise e discussão dos resultados .....	42
4.1 - Preocupação com o <i>cyberbullying</i> .....	43
4.2 - Confiança para identificar situações de <i>cyberbullying</i> .....	48
4.3 – Aconselhamento sobre <i>cyberbullying</i> .....	50
4.4 – Envolvimento da escola.....	54
4.5 – Formação sobre <i>cyberbullying</i> .....	68
4.6 – Abordagem dos professores .....	71
4.7 – Comentários.....	72
Conclusões .....	73
Bibliografia .....	80
Anexos .....	86
Anexo I: <i>Survey on School cyberbullying for Preservice Teachers</i> .....	87
Anexo II: Questionário para Professores sobre <i>Cyberbullying</i> nas Escolas .....	89
Anexo III: Pedido de autorização do inquérito, com a designação Questionário para Professores sobre <i>Cyberbullying</i> nas Escolas .....	92
Anexo IV: Carta entregue aos Directores das escolas .....	93

# Índice de quadros

---

Quadro I - Cursos de formação contínua - Competências digitais (nível 1).....	26
Quadro II - Distribuição dos sujeitos por departamento curricular e grupo de recrutamento .....	33
Quadro III - Estatística descritiva da idade.....	34
Quadro IV - Distribuição dos sujeitos por níveis etários.....	34
Quadro V - Estatística descritiva do tempo de serviço.....	35
Quadro VI - Distribuição dos sujeitos por tempo de serviço.....	35
Quadro VII - Relação entre as questões de investigação e os itens do questionário .....	38
Quadro VIII - Consistência interna do questionário.....	39
Quadro IX - Análise do item “O cyberbullying é um problema nas escolas.” .....	44
Quadro X - Distribuição dos sujeitos do sexo masculino por departamento curricular.....	45
Quadro XI - Análise do item “Os jovens são afectados pelo <i>cyberbullying</i> .” .....	46
Quadro XII - Análise do item “Estou preocupado com o <i>cyberbullying</i> .” .....	47
Quadro XIII - Análise do item “Sinto-me confiante na minha capacidade de identificar situações de <i>cyberbullying</i> .” .....	48
Quadro XIV - Análise do item “Sei aconselhar os meus alunos sobre situações de <i>cyberbullying</i> .” .....	51
Quadro XV - Análise do item “Se soubesse que existia <i>cyberbullying</i> na minha escola tomaria uma atitude.” .....	53
Quadro XVI - Análise do item “As escolas devem promover políticas de prevenção do <i>cyberbullying</i> .” .....	55
Quadro XVII - Análise do item “As escolas devem ter acções de formação para pessoal docente sobre <i>cyberbullying</i> .” .....	56
Quadro XVIII - Análise do item “Os professores devem incluir o <i>cyberbullying</i> no currículo de modo a informar os jovens.” .....	57

Quadro XIX - Análise do item “Os professores devem desenvolver actividades, durante as aulas, para prevenir o <i>cyberbullying</i> .” .....	58
Quadro XX - Análise do item “Os Directores devem organizar actividades na escola para prevenir e lidar com problemas de <i>cyberbullying</i> .” .....	59
Quadro XXI - Análise do item “Devem ser administrados questionários aos alunos para os inquirir sobre as suas experiências como vítimas de <i>cyberbullying</i> .” .....	60
Quadro XXII - Análise do item “Devem ser formadas comissões nas escolas para examinar o problema do <i>cyberbullying</i> .” .....	61
Quadro XXIII - Análise do item “As escolas devem discutir o problema do <i>cyberbullying</i> com os pais e encarregados de educação.” .....	63
Quadro XXIV - Análise do item “As assembleias de escola devem analisar o problema do <i>cyberbullying</i> .” .....	64
Quadro XXV - Análise do item “As escolas devem criar parcerias com a Comunidade para lidar com o <i>cyberbullying</i> .” .....	65
Quadro XXVI - Análise do item “Os jovens devem ser aconselhados sobre como lidar com o <i>cyberbullying</i> .” .....	66
Quadro XXVII - Análise do item “Os recursos da escola devem ser usados para ajudar os professores a lidar com o <i>cyberbullying</i> .” .....	67
Quadro XXVIII - Análise do item “A televisão e outros media devem discutir o problema do <i>cyberbullying</i> .” .....	69
Quadro XXIX - Análise do item “Gostaria de aprender mais sobre <i>cyberbullying</i> na minha formação contínua.” .....	70
Quadro XXX - Análise do item “Costumo conversar com os meus alunos sobre <i>cyberbullying</i> .” .....	71

# Resumo

---

O recurso às tecnologias da informação e comunicação nas nossas escolas tem sido uma grande aposta do governo português. Nos últimos anos verificou-se um aumento exponencial no número de computadores nas escolas, bem como no número de escolas com acesso à Internet de banda larga. Sabemos que estas facilidades trazem diversas vantagens para o processo de ensino e aprendizagem e, como tal, devem ser exploradas em benefício dos nossos alunos. No entanto, paralelamente ao aumento do uso das tecnologias, surgiu o fenómeno do *cyberbullying*. Este é um problema que afecta negativamente a vida dos jovens, tendo consequências a vários níveis, podendo levar a uma diminuição do rendimento escolar das vítimas ou, nos casos mais graves, ao suicídio. Assim, pretendemos perceber qual o pensamento dos professores sobre este problema e reflectir sobre as suas necessidades de formação relativamente à temática. Para este estudo recorreremos à adaptação do questionário *Survey on School Cyberbullying for Preservice Teachers* que foi respondido por cem professores de diversos departamentos curriculares e em diversos patamares da carreira docente.

Os resultados obtidos mostram que a maioria dos professores reconhece que o *cyberbullying* é um problema nas escolas e que afecta os jovens. Para além disto, os professores revelam-se preocupados com este fenómeno. A grande maioria dos professores considera que o envolvimento da escola na prevenção e combate ao problema é muito importante. No entanto, os resultados também mostram que a maioria dos professores não se sente confiante em identificar situações de *cyberbullying* e que gostariam de aprender mais sobre a temática na sua formação contínua. Estes resultados apontam para a necessidade de investimento em formação sobre *cyberbullying*, de modo a dotar os professores com as ferramentas necessárias para o combate e prevenção do fenómeno, bem como para a necessidade de incentivar as escolas na planificação e na implementação de projectos de prevenção desse mesmo uso abusivo.

**Palavras-chave:** *Cyberbullying*; Pensamento; Formação de professores

## *Abstract*

---

The use of information and communication technology in our schools has been a big bet of the Portuguese government. In recent years there has been an exponential increase in the number of computers in schools, as well as the number of schools with access to broadband Internet. We know that these facilities bring several advantages to the process of teaching and learning, and therefore must be exploited for the benefit of our students. However, alongside the increased use of technology, came the phenomenon of cyberbullying. This is a problem that adversely affects the lives of young people, with consequences at various levels and may lead to decreased academic performance of the victims or, in severe cases, to suicide. So, we want to understand what teachers think about this issue and reflect on their training needs in this subject matter. For this study we relied on the adaptation of the questionnaire *Survey on School Cyberbullying for Preservice Teachers* which was answered by hundred teachers from different curriculum departments and in various levels of the teaching profession.

The results show that most teachers recognize that cyberbullying is a problem in schools and it affects young people. In addition, teachers turn out to be concerned about this phenomenon. The vast majority of teachers consider that the involvement of the school in preventing and combating the problem is very important. However, the results also show that most teachers do not feel confident in identifying cases of cyberbullying and would like to learn more about the subject in their training. These results point to the need for investment in training on cyberbullying, in order to equip teachers with the tools necessary to combat and prevent the phenomenon and the need to encourage schools in the planning and implementation of prevention projects of the same abuse.

Keywords: Cyberbullying; Thought; Teacher Training

# Introdução

---

“Ana tem 14 anos e namora com João de 16. Ana gosta de enviar fotografias "provocadoras" ao namorado e este guarda-as no computador. Hugo, de 18, é amigo de João e utilizou o computador deste último. Descobriu as fotografias de Ana e partilhou-as com colegas da escola. Ana e João de nada sabiam, mas rapidamente se aperceberam da situação. Foi a vergonha para Ana. A sua vida tornou-se num inferno, e afectou a família, que ponderou sair de Serpa. Hugo, maior de idade, foi acusado de posse e distribuição de pornografia infantil. João aguarda para saber se enfrentará problemas. Ana tenta ultrapassar a vergonha e regressar à normalidade.”

*In* Diário de Notícias, publicado em 31 de Janeiro de 2010

Todos os dias ouvimos, vemos e sentimos a velocidade estonteante a que os novos dispositivos de comunicação móveis surgem e as facilidades com que, associados a eles, temos contacto com o mundo, com a informação, com a família, com os amigos, com os colegas e até com os desconhecidos.

Nos últimos anos, as tecnologias da informação ultrapassaram os muros das empresas e das casas e instalaram-se, também, nas nossas escolas. De 2002 para 2009, a percentagem de computadores com ligação à Internet do total de

computadores no ensino básico e secundário aumentou de 51,1 % para 90,9 % (PORDATA, 2010). Outro factor indicativo do aumento do uso das tecnologias da informação nas escolas é o facto de o número de alunos por computador ter diminuído de 14,8 para 7,1, de 2002 para 2009, ao passo que o número de alunos por computador com ligação à Internet diminuiu de 24,2 para 8,7, no mesmo período de tempo (GEPE, 2011).

Em 2007, surgiu o Plano Tecnológico da Educação, um programa de modernização tecnológica das escolas portuguesas, aprovado e publicado na Resolução do Conselho de Ministros n.º 137/2007. Este plano apresentava os seguintes objectivos para o período 2007-2010:

- “Atingir o rácio de dois alunos por computador com ligação à Internet em 2010;
- Garantir em todas as escolas o acesso à Internet em banda larga de alta velocidade de pelo menos 48 Mbps em 2010;
- Assegurar que, em 2010, docentes e alunos utilizam TIC em pelo menos 25 % das aulas;
- Massificar a utilização de meios de comunicação electrónicos, disponibilizando endereços de correio electrónico a 100 % de alunos e docentes já em 2010;
- Assegurar que, em 2010, 90 % dos docentes vêm as suas competências TIC certificadas;
- Certificar 50 % dos alunos em TIC até 2010”.

Apesar de não haver, ainda, dados oficiais relativamente à consecução destes objectivos, os projectos relativos ao Plano Tecnológico da Educação estão em curso; em 2010 havia 100% das escolas de 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e de ensino secundário com ligação à Internet em fibra óptica, e 100% das EB1 com ligação à Internet (Ministério da Educação, 2010).

Os Centros de Formação de Associação de Escolas têm apostado, nos últimos anos, em formações relacionadas com as tecnologias educativas e, mais recentemente, nos cursos de formação que permitem a certificação TIC nível 1 e nível 2. Segundo dados do Ministério da Educação, a 31 de Dezembro de 2010,

havia 25.674 professores certificados com competências digitais (nível 1) e 30% dos professores tinham frequentado um curso de formação contínua de competências pedagógicas e profissionais com TIC (nível 2) (Ministério da Educação, 2009).

Por outro lado, os resultados do projecto *EU Kids Online*, financiado pelo Programa *Safer Internet* da Comissão Europeia, mostram que 78% das crianças portuguesas entre 9 e 16 anos usam a Internet (Livingstone, Haddon, Görzig, & Ólafsson, 2011).

Com o aumento do uso da Internet e de dispositivos móveis, surgiram, também, novos tipos de ameaça e novas formas de humilhação exercidas com recurso a estas tecnologias dando origem ao fenómeno do *cyberbullying*. Esta é uma realidade na vida dos nossos jovens, com consequências muito graves.

Com o aumento da utilização das TIC, a “Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, através da Equipa de Missão Computadores, Redes e Internet (DGIDC-CRIE) do Ministério da Educação, desenvolveu, em 2004, o projecto *SeguraNet*, para a promoção de uma utilização esclarecida, crítica e segura da Internet junto dos estudantes do ensino básico e secundário” (InternetSegura, 2007). Associado a este projecto existe o portal *SeguraNet* que tem como objectivo principal a “promoção da navegação crítica, consciente e segura, na Internet, da comunidade educativa” e onde se podem encontrar diversos recursos e participar em diversas actividades dirigidas a toda a comunidade educativa (SeguraNet, 2007).

Tendo em conta o aumento exponencial da utilização da Internet em contexto de escola, consideramos relevante dar conta do pensamento dos professores em torno do fenómeno do *cyberbullying* e reflectir sobre as suas necessidades de formação relativamente à temática.

O *cyberbullying* é um problema recente e, conseqüentemente, pouco estudado. Apesar de já existirem alguns estudos nacionais e internacionais sobre a sua prevalência e as suas conseqüências nas crianças e nos jovens, os estudos relacionados com o modo como os professores percebem o problema são escassos. Em Portugal, não temos conhecimento de que existam estudos dessa natureza junto da classe docente.

Perante estes factos, dos quais destacamos: o acentuado aumento do uso da Internet na escola e em casa, a pressão para utilizar as tecnologias da informação e comunicação em contexto de sala de aula e como complemento ao estudo, o aumento de fenómenos de *cyberbullying*, a falta de formação sobre o tema e os escassos estudos existentes sobre o fenómeno, somos levados a considerar que um trabalho sobre estas temáticas é bastante pertinente e cujos resultados poderão servir para reflectir sobre a necessidade de formarmos os nossos professores, não só no uso das TIC, mas, também, sobre o modo como ensinar o uso seguro da Internet aos seus alunos, bem como incentivá-los na planificação e na implementação de projectos de prevenção desse mesmo uso abusivo.

O presente trabalho divide-se em cinco capítulos. No Capítulo 1 – *cyberbullying: a verdade conhecida* – explora-se o conceito de *cyberbullying*, os tipos existentes, as características e as conseqüências desta forma de agressão. Ainda no capítulo 1 são analisados alguns estudos realizados internacionalmente sobre a incidência do fenómeno e é feita uma reflexão sobre o papel da escola na formação e prevenção do *cyberbullying*. No Capítulo 2 – *A formação de professores e o cyberbullying* – é feita uma análise dos documentos normativo-legais que regulamentam a formação contínua dos professores, no sentido de perceber quais são os seus objectivos, é dada uma especial atenção ao Sistema de Formação e de Certificação em Competências TIC, que foi implementado em 2009 e que abrange a quase totalidade dos docentes do país e, por fim, é feita uma

análise sobre a formação de professores na área da segurança na Internet e, mais especificamente, sobre o *cyberbullying*.

Os capítulos seguintes desta dissertação centram-se na metodologia utilizada e nos resultados obtidos. No Capítulo 3 - *Metodologia* – são apresentadas as questões de investigação, o instrumento e os procedimentos utilizados para a recolha de dados. No Capítulo 4 – *Análise e discussão dos resultados* - caracterizamos a amostra e procedemos à apresentação e discussão dos resultados.

Por fim, apresentam-se as conclusões, as implicações da investigação na prática educativa e propostas para estudos futuros.

# Capítulo 1

## ***Cyberbullying: a verdade conhecida***

---

“Maria decidiu pôr um ponto final na relação. Para se vingar, o namorado apoderou-se do perfil dela no Hi5 e começou a enviar mensagens difamatórias a todos os amigos e contactos profissionais da rapariga. Este é apenas um exemplo, bastante frequente, do fenómeno de cyberbullying em Portugal - intimidação e perseguição psicológica na internet.

O cyberbullying está a crescer de forma alarmante no país. "Há dois anos, ninguém sabia o que era. Em 2010, a polícia recebe uma queixa por dia a nível nacional". Palavras do inspector Baltazar Rodrigues, da divisão de combate ao crime informático da Polícia Judiciária (PJ), proferidas numa palestra sobre cibercrime no Instituto Superior Técnico.

Só na região de Lisboa, 145 casos relacionados com cyberbullying estão actualmente em investigação, avançou ao i Baltazar Rodrigues.”

*In* Ionline, publicado em 29 de Março de 2010

### 1.1 – Definição de *cyberbullying*

Vivemos na sociedade da informação. De um modo geral, todos nós, crianças, jovens e menos jovens, temos fácil acesso à Internet e a dispositivos móveis. As vantagens que esta era da informação nos trouxe são inquestionáveis: a facilidade de comunicação, o acesso em tempo real à informação e aos outros. Tudo isto acarretou inúmeros benefícios ao nosso dia-a-dia e ao desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem. No entanto, como quase tudo na vida, todas estas vantagens têm o seu lado negro.

A Internet, todos os seus recursos e potencialidades, e os dispositivos de comunicação móveis podem ser usados de forma abusiva e abrir portas a uma nova forma de humilhação, mais rápida, anónima e intemporal. Para além de todos os riscos em que as crianças incorrem ao utilizarem, não supervisionadamente, as tecnologias da informação e comunicação, há que contar também com uma nova forma de *bullying*, perpetrado por estas novas tecnologias e que designamos por *cyberbullying*.

Segundo Amado, Matos, Pessoa e Jäger (2009) “o *cyberbullying* constitui uma nova expressão do *bullying*, enquanto agressão, ameaça e provocação de desconforto, premeditadas e repetidas, realizadas com recurso a dispositivos tecnológicos de comunicação, tais como o e-mail, o chat, o blogue, o telemóvel, etc., contra uma vítima de estatuto semelhante mas que tem dificuldade em defender-se” (p. 303). Desta definição podemos destacar algumas palavras cruciais na identificação deste fenómeno. “Premeditadas e repetidas”: as acções levadas a cabo pelos *cyberbullies* têm a intenção de magoar, propositadamente, a vítima e não são o resultado de um acto isolado, ou seja, “este conceito não é apropriado para todo e qualquer assédio ou acto ofensivo online” (*idem, ibidem*, p. 303). “Dispositivos tecnológicos de comunicação”: aqui reside a grande diferença desta forma de *bullying* - os recursos utilizados envolvem conteúdos digitais, tais como mensagens de telemóvel e/ou de correio electrónico, comentários e

publicações nas redes sociais e/ou nos blogues, publicação de vídeos e/ou de imagens, etc., sempre com o objectivo de causar algum tipo de prejuízo à vítima.

No entanto, a definição de *cyberbullying* não tem sido consensual (Nocentini et al., 2010). Por exemplo, a repetição é uma característica que tem despoletado alguma discussão, uma vez que o acto de publicar algo na Internet constitui-se, por si mesmo, um acto de repetição, já que pode ser visto e reenviado repetidamente.

O *cyberbullying* é, por vezes, descrito como uma forma de *bullying* a ocorrer num novo território (Li, 2005; Li, 2006). Em vez de se considerar um fenómeno isolado, o *cyberbullying* pode ser visto como outra forma de *bullying* (Beran & Li, 2007), “um não existe sem o outro, pois são as duas faces de uma mesma moeda.” (Neves & Pinheiro, 2009, p. 4972). No entanto, as características específicas que as tecnologias da informação e comunicação lhe conferem, tornam o *cyberbullying* incomensuravelmente mais continuado e corrosivo do que o *bullying*.

Para além disso, a panóplia de meios de comunicação existente e as novidades que surgem, neste meio, a um ritmo alucinante, fazem com que a expressão do *cyberbullying* seja variada e com objectivos diferentes, como veremos já de seguida.

## 1.2 – As faces do *cyberbullying*

Willard (2007) apresenta a seguinte tipologia de *cyberbullying* que, embora exigindo permanente adaptação e revisão, se mostra ainda actualizada:

- ✓ **Flaming**: lutas *online* utilizando mensagens electrónicas com uma linguagem agressiva e vulgar.
- ✓ **Harassment** (Assédio): enviar, repetidamente, mensagens insultuosas e más.

- ✓ **Denigration** (Denigração): enviar ou publicar rumores sobre uma pessoa com o objectivo de deteriorar a sua reputação ou amizades.
- ✓ **Impersonation** (Dissimulação): fingir que se é outra pessoa e enviar ou publicar material com o objectivo de arranjar problemas a essa pessoa ou para deteriorar a sua reputação ou amizades.
- ✓ **Outing**: partilhar, através das TIC, informações pessoais e secretas de alguém, bem como as suas imagens privadas.
- ✓ **Trickery**: convencer uma pessoa a revelar informação secreta ou embaraçosa com o intuito de a partilhar *online*.
- ✓ **Exclusion** (Exclusão): expulsar alguém de um grupo *online*, de forma cruel e intencional.
- ✓ **Cyberstalking** (Perseguição no ciberespaço): assédio e denigração, repetida e intencional, que inclui ameaças ou que provoca medo significativo.

Para além dos diversos tipos apresentados por Willard (2007), podemos acrescentar um outro, apresentado por Neves e Pinheiro (2009), que, segundo os autores, corresponde ao terceiro nível de *cyberbullying* “em que se recorre ao *bullying* para concretizar o *cyberbullying*.” (p. 4968). Neste caso, são planeadas agressões propositadas, com o intuito de fotografar/filmar essas mesmas agressões para, posteriormente, serem publicadas na Internet ou distribuídas através de mensagens multimédia.

Para Neves e Pinheiro (2009), o primeiro nível de *cyberbullying* acontece de forma espontânea, ocorrendo apenas na Internet. O segundo nível corresponde a uma continuação do *bullying*, que começa na escola e depois passa para as novas tecnologias.

Nocentini et al. (2010), ao tentarem resumir os oito tipos de *cyberbullying* apresentadas por Willard (2007), identificaram quatro tipos de comportamentos principais:

- ✓ Comportamentos escritos e verbais (telefonemas, mensagens de texto, mensagens de correio electrónico, *chats*, blogues, redes sociais e *websites*);
- ✓ Comportamentos visuais (publicar, enviar ou partilhar fotografias e vídeos comprometedores através de telemóveis ou da Internet);
- ✓ Exclusão (excluir, propositadamente, alguém de um grupo *online*);
- ✓ Dissimulação (usurpar e revelar informação, usando o nome ou a conta de outra pessoa).

### 1.3 – Os factores do *cyberbullying*

A investigação em torno de factores específicos desencadeantes de *cyberbullying* é ainda incipiente, tal como em relação a muitos outros aspectos deste problema. No entanto, podemos associá-los aos factores da violência e da(s) indisciplina(s) na escola (Amado, 2010; Hinduja & Patchin, 2008).

De facto, o *cyberbullying* pode estar relacionado com o *bullying* escolar (Hinduja & Patchin, 2008; Steffgen & König, 2009; Willard, 2007). De acordo com Willard (2007), os estudantes vitimizados directamente na escola também podem ser vítimas de *cyberbullying*, mas, outras vezes, a pessoa que sofre *bullying* escolar pode torna-se um agressor *online*, como forma de retaliação. Segundo o mesmo autor, o *cyberbullying* pode envolver conflitos e problemas relacionais, ou seja, se uma dada relação termina (amizade, namoro, etc.), uma dessas pessoas pode começar a praticar acto de *cyberbullying* sobre a outra. O *cyberbullying* pode estar, ainda, relacionado com ódio, preconceito (raça, religião, aparência física) ou orientação sexual (Willard, 2007).

O estudo de Beran e Li (2007) mostra que os alunos que foram vítimas no ciberespaço tinham mais probabilidade de atacar os seus colegas também no ciberespaço e de serem vítimas de *bullying* na escola. Para além disto, os

resultados sugerem que o *bullying*, seja ele praticado na escola ou no ciberespaço, tem um impacto negativo na aprendizagem e leva ao abandono escolar (Huang e Chou, 2010). Assim, tendo em conta a insuficiência de estudos que analisem as causas do *cyberbullying* e sabendo que estas causas possam estar associadas às da violência escolar, particularmente, ao *bullying*, apresentamos alguns dos factores que estão na base de acções desta natureza, quer do lado das vítimas quer do lado dos agressores (Amado, 2010):

- Factores biopsicogénicos, tendo em conta o indivíduo e a sua personalidade, tais como: perturbações emocionais, défice de atenção, baixo nível de auto-conceito, auto-estima, dificuldades e perturbações de aprendizagem, falta de competências pessoais, etc.
- Factores sociogénicos e familiares, uma vez que as condições sociais, económicas e culturais em que os alunos vivem, influenciam o seu comportamento.
- Factores escolares, relacionados com as vivências pessoais (frustrantes, ameaçadoras, concorrenciais, etc.) e interpessoais (falta de regras, mau clima afectivo, fraca supervisão, mau ambiente físico e humano, falta de incentivos a práticas saudáveis - desporto, cultura, voluntariado, etc.), podem influenciar negativamente o comportamento dos jovens.

#### **1.4 – Características do *cyberbullying***

O *cyberbullying* apresenta características muito particulares e que o tornam verdadeiramente perigoso. O anonimato é, sem dúvida, uma das suas mais perversas armas (Amado et al., 2009; Hinduja & Patchin, 2010b; Novo, 2009) e que se traduz numa forma cobarde de *bullying* (Belsey, 2005). A Internet possibilita a criação de um escudo protector para a identidade de cada um e os *cyberbullies* utilizam-no em seu benefício. Muitas das pessoas que não agrediriam

outras frontalmente, podem vir a praticar *cyberbullying*, acreditando que é possível passar despercebido ou que é aceitável ter tais comportamentos, uma vez que são virtuais (Willard, 2007). De facto, alguns jovens podem não ter conhecimento do verdadeiro mal que estão a causar porque estão protegidos da resposta da vítima (Hinduja & Patchin, 2010b).

Esta é uma característica devastadora para as vítimas, uma vez que elas podem nunca saber quem é o seu agressor. O estudo de Kowalski e Limber (2007) sugere que, ao contrário do *bullying*, em que os autores são, normalmente, conhecidos das vítimas, metade das vítimas de *cyberbullying* não conhece a identidade dos agressores.

A comunicação em tempo real é outro factor crucial a ter em conta quando analisamos este fenómeno. A troca instantânea de mensagens é um dos serviços mais utilizados na Internet e nos telemóveis. Os conteúdos publicados na *World Wide Web* difundem-se a uma velocidade estonteante e podem manter-se “infinitamente presentes no espaço virtual” (Amado et al., 2009, p. 304). O *bullying* escolar, em geral, é testemunhado pelos pares, no entanto, os conteúdos ofensivos publicados *online* colocam-se à mercê de conhecidos e estranhos (Beran & Li, 2007), sendo o potencial de observadores ilimitado (Kowalski & Limber, 2007). Assim, a percepção das vítimas é a de que todos sabem o que aconteceu (Hinduja & Patchin, 2010b).

Outra característica específica do *cyberbullying* é o facto de as gerações actuais comunicarem através de formas que são desconhecidas dos adultos e longe da sua supervisão (Belsey, 2005). Como resultado disto, as acções dos *cyberbullies* podem não ser descobertas pelos adultos (Hinduja & Patchin, 2010b). A maioria dos pais estabelece regras para a utilização da Internet, mas não está consciente das agressões. Eles subestimam o comportamento agressivo das crianças e têm uma noção insuficiente dos seus filhos como vítimas de *cyberbullying* (Dehue, Bolman, & Völink, 2008).

Os jovens podem estar relutantes em contar aos adultos porque estão emocionalmente traumatizados, pensam que a culpa é sua, temem repercussões ainda maiores a que acresce o receio de lhes ser restringido o uso do telemóvel e da Internet (Willard, 2007). A maioria das vítimas de *cyberbullying* e das testemunhas não reporta os incidentes aos adultos (Li, 2005)

Relativamente às questões de género, os resultados de um estudo comparativo entre *bullying* e *cyberbullying* efectuado por Li (2006), mostram que, tanto no *bullying* como no *cyberbullying*, os rapazes têm uma maior probabilidade de serem *bullies* e *cyberbullies* do que as raparigas. Assim, o estudo referido sugere que *cyberbullying* e *bullying* seguem um padrão similar em termos do envolvimento masculino e feminino, onde é menos provável que as raparigas estejam envolvidas. No entanto, estas conclusões são contraditas por outros estudos, tais como o de Kowalski e Limber (2007) que refere que, ao contrário do *bullying* tradicional (onde é mais provável que os rapazes sejam autores), as raparigas vitimizam e são mais vezes vítimas do que os rapazes. Estas contradições de estudos apenas realçam o referido por Amado et al. (2009), bem como por outros autores, que referem que a investigação nesta área tem ainda um longo percurso a fazer.

### **1.5 – Consequências do *cyberbullying***

As consequências do *cyberbullying* podem ser muito mais sérias que as do *bullying* tradicional, devido às características apresentadas anteriormente, nomeadamente, o anonimato, a facilidade de difusão de conteúdos, a sua permanência vitalícia no ciberespaço e o facto de ser tão visível para os jovens mas quase imperceptível para os adultos (Willard, 2007).

As consequências do *cyberbullying* “vão desde o isolamento social, insucesso escolar, perturbações do sono, na alimentação, às tentativas de suicídio ou suicídio consumado.” (Novo, 2009, p. 328).

Beran e Li (2007) referem que os estudantes que são vítimas apenas no ciberespaço e os que são vítimas tanto no ciberespaço como na escola, apresentam dificuldades no percurso escolar tais como: classificações baixas, falta de concentração e absentismo. Assim, estes resultados sugerem que o *cyberbullying* pode ter um impacto negativo na aprendizagem escolar.

Um estudo de Ybarra, Diener-West e Leaf (2007) apresenta resultados assustadores em relação ao impacto do *cyberbullying*: os jovens que foram assediados online tinham uma probabilidade maior de usar álcool ou outras drogas, receberem castigos escolares, suspensões ou sofrimentos emocionais, do que os que não foram intimidados; os jovens que receberam comentários rudes ou desagradáveis através de mensagens de textos tinham mais probabilidade de não se sentirem seguros na escola, e as vítimas de *cyberbullying* apresentaram oito vezes mais probabilidade, do que todos os outros jovens, de reportar que tinham transportado uma arma para a escola.

Hinduja e Patchin (2010a) analisaram a forma como o *cyberbullying* está relacionado com a ideia de suicídio entre os adolescentes. Os resultados mostram que todas as formas de *bullying* estavam significativamente associadas ao aumento de pensamento sobre suicídio e que as vítimas de *cyberbullying* tinham quase o dobro de probabilidade de tentar o suicídio do que os jovens que nunca experienciaram *cyberbullying*.

Ybarra (2004) refere mesmo que o assédio através da Internet é uma importante questão de saúde mental que afecta os jovens de hoje.

Tão perturbador como as consequências do *cyberbullying* é pensarmos que pouco tem sido feito para o seu combate e que os estudos levados a cabo são ainda insuficientes para a compreensão deste fenómeno. As tecnologias avançam a um ritmo alucinante, as crianças aderem facilmente a estas novidades e os adultos têm dificuldades em monitorizar e acompanhar a vida *online* dos seus filhos. Assim, o

papel dos pais, dos educadores, da escola e da sociedade é fundamental para a prevenção deste fenómeno.

### 1.6 – *Cyberbullying* em Portugal e no Mundo

Em Portugal, são raros os estudos sobre o *cyberbullying*, razão pela qual é difícil ter uma noção exacta da dimensão do problema.

Luzia Pinheiro (Pinheiro, 2009), em sua tese de Mestrado intitulada “*Cyberbullying* em Portugal: uma perspectiva sociológica”, constata que o *cyberbullying* não é um fenómeno tão recente como se pressupõe. A autora refere a existência de um primeiro estágio do *cyberbullying*, o *pré-cyberbullying*, cujos recursos utilizados para gozar com alguém eram a fotocopiadora e o telefone fixo, e tinham resultados mais rápidos do que o tradicional *bullying*. No segundo estágio, com a massificação dos telemóveis, é que surge o *cyberbullying*, propriamente dito; e o terceiro estágio está associado à possibilidade de aceder à Internet em qualquer local. Este estudo foi efectuado com jovens portugueses universitários e a autora conclui “que os jovens possuem pouca informação sobre o tema, têm atitudes não recomendáveis acerca do mesmo, mas em contrapartida possuem crenças bastante críticas sobre o *cyberbullying* mostrando assim ambiguidade na forma como encaram o fenómeno” (*idem, ibidem*, p. 123).

Destacamos também a dissertação de Mestrado intitulada “O *cyberbullying*. Natureza e Ocorrência em Contexto Português”, da autoria de Mariana Campos (Campos, 2009). Trata-se de um estudo exploratório do fenómeno do *cyberbullying* entre alunos, do 5º ao 12º anos de escolaridade. O estudo demonstrou que, na amostra estudada, “8,7% dos participantes são *cybervítimas*, 6,1% *cyberbullies* e 21,7% *cyberbystanders*” (p. 28) e que “4 em cada 10 vítimas de *cyberbullying* confessaram que desconheciam a identidade do agressor” (p. 29).

Na tese de doutoramento “Incidência e impacto do *cyberbullying* nos alunos do terceiro ciclo do ensino básico português”, da autoria de Pedro Ventura (Ventura, 2011), conclui-se que a “prevalência do *cyberbullying* nos alunos do terceiro ciclo do ensino público português em 2010 é de 19,5%, o que corresponde a um quinto da população estudantil com idades compreendidas entre os onze e os dezassete anos” (Ventura, 2011, p. 221). Nesta investigação, destaca-se ainda o facto de as taxas de incidência de *cyberbullying* serem mais elevadas nos distritos do litoral nacional e de maior densidade populacional, excepto a cidade do Porto.

O inquérito *EU Kids Online*, financiado pelo Programa *Safer Internet* da Comissão Europeia, entrevistou uma amostra de 25142 crianças, com idades entre os 9 e 16 anos, utilizadores da Internet, e um dos seus pais, em 25 países europeus, incluindo Portugal (Livingstone et al., 2011). Este estudo mostra que as crianças utilizam a Internet no seu dia-a-dia e que começam a utilizá-la em idades cada vez mais novas, sendo mais utilizada em casa (87%), seguindo-se a escola (63%). Outro dado importante é o facto de que a Internet se tornou um fenómeno privado para a maioria das crianças europeias, uma vez que acedem aos seus conteúdos maioritariamente a partir dos seus quartos (49%) em detrimento de outros lugares da casa. O *bullying online* através de mensagens desagradáveis ou prejudiciais é um risco raro; 6% das crianças já receberam mensagens desagradáveis e 3% enviaram esse tipo de mensagens; metade das crianças que receberam esse tipo de mensagens ficou bastante ou muito incomodada.

Segundo os mesmos estudos, relativamente a Portugal, destacamos, o facto de 78% das crianças entre os 9 e 16 anos utilizarem a Internet, sendo que Portugal tem uma percentagem mais elevada em relação à média europeia no que concerne ao facto de acederem à Internet a partir dos seus quartos (67%) do que noutros lugares da casa. Por outro lado, o estudo demonstra que Portugal é um dos países com menor incidência de riscos, uma vez que apenas 7% das crianças indicaram já se ter deparado com riscos online, enquanto a média europeia está nos 12%. O

*bullying online* foi referido por apenas 2% das crianças portuguesas, estando, também, abaixo da média europeia.

À primeira vista os resultados do inquérito *EU Kids Online* parecem ser animadores, mas contradizem os publicados por Campos (2009) e Ventura (2011), na medida em que, nestes dois estudos nacionais, os resultados mostram que o número de jovens envolvidos em situações de *cyberbullying* é muito superior quando comparado com os dados apresentados pelo estudo europeu. A tendência em Portugal é que as crianças e jovens tenham o acesso à Internet cada vez mais facilitado, em casa, na escola ou através dos dispositivos móveis, como o telemóvel. Assim, é de extrema importância monitorizar os comportamentos dos nossos jovens e averiguar a incidência do *cyberbullying*.

Voltando a nossa atenção para a investigação internacional, verificamos que este fenómeno já atingiu valores preocupantes em vários países e que, como vimos, as consequências podem ser muito graves.

Apesar de existirem vários estudos sobre a incidência do *cyberbullying* em diversos países, os seus resultados são muito variáveis. Facto que pode ser o resultado das especificidades da população onde é seleccionada a amostra, da forma como os dados são recolhidos e da qualidade ou características dos instrumentos utilizados. Apesar disso, consideramos importante ter em conta os resultados de alguns estudos feitos na medida em que demonstram que o *cyberbullying* é um problema real.

Num estudo efectuado em 2009 a 655 adolescentes norte-americanos (Cox Communications, 2009), com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, 19% referiram terem sido vítimas de *cyberbullying* e 10% afirmaram ter cometido *cyberbullying*; 27% dos jovens declararam terem visto ou ouvido sobre um amigo que foi vítima de *cyberbullying* e 16% referiram ter visto ou ouvido sobre um amigo que praticou *cyberbullying*. Ainda neste estudo, cerca de 1 em cada 5

adolescentes referiram ter estado envolvidos em *sexting*<sup>1</sup>, e mais de um terço conhece um amigo que enviou ou recebeu esse tipo de mensagens.

Outro estudo, de Pieters e Krupin (2010), conclui que 29% dos jovens foram vítimas de *cyberbullying* e que 52% conhecem alguém que o experienciou. Este estudo envolveu 1357 jovens norte-americanos com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos.

Num estudo de Kowalski e Limber (2007) com estudantes norte-americanos que frequentavam do 6º ao 8º ano de escolaridade, 18% disseram que tinham sido vítimas de *cyberbullying* pelo menos uma vez nos últimos dois meses, e 6% afirmaram que isso tinha acontecido duas ou mais vezes. Para além destes dados, 11% declararam que tinham cometido *cyberbullying* pelo menos uma vez nos últimos dois meses, e 2% admitiram tê-lo feito duas ou mais vezes.

No último estudo de Hinduja e Patchin (2010c) que envolveu 4441 adolescentes entre os 10 e os 18 anos, 20,8% referiram já terem sido vítimas de *cyberbullying* e 19,4% admitiram já terem perpetrado *cyberbullying*.

Li (2008a) realizou um estudo sobre *cyberbullying* no Canadá e na China. Relativamente ao Canadá, os 157 sujeitos que responderam ao questionário foram seleccionados aleatoriamente de duas escolas do Canadá e tinham idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos. Na China, os 197 sujeitos que responderam ao questionário foram seleccionados aleatoriamente de entre os alunos de duas escolas chinesas e tinham idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Os resultados mostram que 25% dos estudantes canadianos e 33% dos estudantes chineses foram vítimas de *cyberbullying*.

Tendo em consideração os países europeus, destacamos um estudo realizado em Espanha, por Ortega, Calmaestra e Mora-Merchán (2007) que envolveu 830 estudantes da cidade de Córdoba, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. Este estudo conclui que 26,6% dos sujeitos da amostra

---

<sup>1</sup> Pela dificuldade de tradução literal, optámos por manter o termo original. *Sexing* refere-se à troca de mensagens, de imagens ou de vídeos com conteúdo erótico explícito ou sugestivo, através do telemóvel ou da Internet (correio electrónico, redes sociais, programas de comunicação em tempo real, etc.).

estiveram envolvidos directamente com *cyberbullying*. Especificamente, 22,8% dos sujeitos implicaram-se de forma moderada ou ocasional e em diversos estatutos (5,7% como agressores, 9,3% como vítimas e 7,8% como agressores vitimizados), ao passo que apenas 3,8% dos estudantes estiveram envolvidos em variantes graves de *cyberbullying*: 1,7% como agressores, 1,5% como vítimas e 0,6% como agressores vitimizados.

Em relação ao Reino Unido, a investigação de Smith et al. (2008) apresenta os resultados de um questionário aplicado a 533 estudantes de escolas secundárias. De entre estes, 6,6% dos estudantes referiram terem sido vítimas de *cyberbullying* frequentemente (duas ou três vezes por mês, ou várias vezes por semana), 15,6% apenas uma ou duas vezes e 77,8% nunca.

Os resultados apresentados são variados; no entanto, como já foi referido, o *cyberbullying* é um problema real em vários países do mundo, entre os quais Portugal. Independentemente da sua incidência, é necessário prevenir este fenómeno, formar os professores e educar as crianças e jovens sobre o uso adequado das tecnologias da informação e comunicação.

### **1.7 – Prevenção, formação e escola**

A principal reacção dos adultos, professores e pais é punir os *cyberbullies*. No entanto, e independentemente de discutirmos a eficácia da punição, podemos dizer que existem muitos obstáculos para se conseguir pô-la em prática. Na escola, por exemplo, questiona-se a existência ou não de autoridade para punir os agressores, uma vez que o *cyberbullying* ocorre fora do seu perímetro ou com estudantes de outras escolas (Campbell, 2005). A resposta punitiva não poderá passar pela interdição do acesso à Internet ou pela proibição do uso do telemóvel:

“proibir e barrar acesso só irá aguçar curiosidades” (Novo, 2009, p. 331). Assim, tal como refere Belsey (2005), a sensibilização e a educação são as chaves para a prevenção do *cyberbullying*: “bons utilizadores da tecnologia e pessoas bem formadas percebem que independentemente do facto de estarmos mediados pela máquina, as regras do civismo e da convivência social têm que ser respeitadas, porque do outro lado estão pessoas iguais a si” (Novo, 2009, p. 332).

De acordo com Dehue, Bolman e Völink (2008), a maioria dos pais define regras para o uso da Internet, mas não tem consciência dos abusos, subestimando o comportamento agressivo dos próprios filhos. O mesmo pode acontecer com os professores, uma vez que, nos casos de *cyberbullying*, os alunos não apresentam marcas físicas das agressões (Li, 2008b), ao que acresce o habitual secretismo dos envolvidos.

As tecnologias da informação e da comunicação são recursos potenciadores do sucesso escolar dos nossos alunos que, com um conhecimento e respeito sólidos das ferramentas, poderão atingir níveis altíssimos de literacia digital. A questão está no modo como estas ferramentas, potenciadoras do desenvolvimento cognitivo e social, são utilizadas. “Educar sobre a utilização segura da Internet em geral e sobre o fenómeno do *cyberbullying* em particular, deve ser encarado como um dever de famílias, da escola e de toda a sociedade, como se faz em relação à prevenção rodoviária ou à higiene e saúde da criança e do jovem” (Novo, 2009, p. 334).

Na perspectiva de Amado et al. (2009), “é urgente o investimento em iniciativas várias que ajudem a prevenir e a combater este fenómeno” (p. 313). Os mesmos autores referem a importância do desenvolvimento de estudos, assim como a construção de recursos que facilitem o trabalho nesta temática. No seu artigo, referem que o projecto – *CyberTraining: A Research-based Training Manual On cyberbullying* – pode constituir-se como um recurso útil e válido na implementação de acções que visem a prevenção e o combate do *cyberbullying*.

Com efeito, este projecto, entretanto terminado, deu origem a um manual de formação para formadores sobre *cyberbullying* – *Agir contra o Cyberbullying* –

que está disponível em formato de livro electrónico (*e-book*) em inglês, português, espanhol, alemão e búlgaro (Matos, Pessoa, Amado, & Jäger, *in press*). Para a construção do manual, a equipa, constituída por investigadores e especialistas em tecnologias da informação e comunicação de diversos países europeus, procedeu a uma investigação de modo a conhecer as necessidades, os interesses e as preferências dos formadores.

Trata-se de um manual dirigido “a profissionais envolvidos na formação de pais, agentes escolares e jovens” (Matos et al., *in press*) e tem como objectivo colmatar lacunas, oferecendo “orientações claras, apoio e recursos a formadores” (Matos et al., *in press*) que trabalhem com os diversos grupos-alvo. O manual, disponível online desde Setembro de 2010, é constituído por sete módulos, que oferecem uma visão geral da problemática, bem como por um “conjunto amplo de temas e sugestões de recursos e de actividades, que podem ser utilizados de forma flexível, em função das necessidades de informação e de apoio de cada formador e das características específicas do grupo a quem este dirige a formação” (Matos et al., *in press*).

No caso da Europa, uma vez que a escola se encontra em segundo lugar no que diz respeito aos locais de onde os jovens acedem à Internet, os professores têm, obviamente, um papel fulcral na educação das novas gerações em relação à segurança e ao uso responsável da Internet (Livingstone et al., 2011). No entanto, estarão os nossos professores capacitados para tal tarefa? Será que têm consciência da existência do *cyberbullying* e das suas consequências? Sentir-se-ão preparados para lidar com estas situações? Terão um nível de literacia digital suficiente para lidar com esta problemática?

Tendo em conta estas e outras situações, analisaremos de seguida o estado da formação de professores no que concerne às tecnologias da informação e comunicação, nomeadamente, no que diz respeito à segurança na Internet.

## Capítulo 2

# A formação de professores e o *cyberbullying*

---

“O Plano Tecnológico da Educação estrutura -se em três eixos temáticos de intervenção: tecnologia, conteúdos e formação.

A componente da formação visa o reforço das qualificações e a valorização das competências, ultrapassando os principais factores inibidores da modernização tecnológica do sistema educativo, promovendo a utilização das TIC nos processos de ensino e aprendizagem e na gestão escolar, a formação de docentes centrada na utilização pedagógica das TIC e a existência de mecanismos de certificação de competências TIC.

(...)

O Sistema de Formação e de Certificação de Competências TIC, com o inerente reforço das qualificações e valorização das competências que lhes estão associados, são instrumentos privilegiados para a melhoria da qualidade das aprendizagens e para o sucesso escolar dos alunos.”

Portaria n.º 731/2009, de 7 de Julho

## **2.1 - Formação Contínua de Professores**

Em 1992, é aprovado o Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, pelo Decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de Novembro. Neste diploma são definidas as finalidades da formação contínua de professores, sendo realçada, entre elas, a melhoria da qualidade de ensino.

Desde 1992, o Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores foi sendo alvo de alterações/actualizações. Assim, este Regime Jurídico, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de Novembro, foi sofrendo alterações que lhe foram introduzidas pela Lei n.º 60/93, de 20 de Agosto, e pelos Decretos-Leis n.ºs 274/94, de 28 de Outubro, 207/96, de 2 de Novembro, 155/99, de 10 de Maio e 15/2007 de 19 de Janeiro.

De acordo com o artigo 3.º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a formação contínua tem como objectivos fundamentais:

- a) A melhoria da qualidade do ensino e das aprendizagens, através da permanente actualização e aprofundamento de conhecimentos, nas vertentes teórica e prática;
- b) O aperfeiçoamento das competências profissionais dos docentes nos vários domínios da actividade educativa, quer a nível do estabelecimento de educação e ensino, quer a nível da sala de aula;
- c) O incentivo à autoformação, à prática de investigação e à inovação educacional;
- d) A aquisição de capacidades, competências e saberes que favoreçam a construção de autonomia das escolas e dos respectivos projectos educativos;
- e) O estímulo aos processos de mudança ao nível das escolas e dos territórios educativos em que estas se integrem susceptíveis de gerar dinâmicas formativas;
- f) O apoio a programas de reconversão profissional, de mobilidade profissional e de complemento de habilitações.

Há a considerar, no entanto, todo um conjunto de princípios sobre os quais assenta esta formação, a saber:

- a) Liberdade de iniciativa das instituições vocacionadas para a formação;
- b) Autonomia científico-pedagógica na concepção e execução de modelos de formação;
- c) Progressividade das acções de formação;
- d) Adequação às necessidades do sistema educativo, das escolas e dos docentes;
- e) Descentralização funcional e territorial do sistema de formação contínua;
- f) Cooperação institucional, nomeadamente entre instituições de ensino público, privado e cooperativo;
- g) Associação entre escolas, desenvolvendo a sua autonomia e favorecendo a sua inserção comunitária;
- h) Valorização da comunidade educativa;
- i) Associativismo docente, nas vertentes pedagógica, científica e profissional.

No artigo 6.º, são definidas as seguintes áreas de formação:

- a) Ciências de especialidade que constituam matéria curricular nos vários níveis de educação e ensino a que se reporta o presente diploma;
- b) Ciências da educação;
- c) Prática e investigação pedagógica e didáctica nos diferentes domínios da docência;
- d) Formação ética e deontológica.

Ao longo destes anos foram promovidas diversas acções de formação, sendo que, nos últimos anos, houve uma aposta forte na área das tecnologias da informação e comunicação, aspecto que desenvolveremos no próximo item.

## **2.2 - Sistema de Formação e Certificação em Competências TIC**

Em 2009 é criado, pela Portaria n.º 731/2009, de 7 de Julho, o Sistema de Formação e de Certificação em Competências TIC para professores em exercício de funções, do ensino pré-escolar até ao ensino secundário. Este sistema “organiza-se em três níveis, de acordo com os princípios de aprofundamento, diversificação e ampliação progressiva das competências adquiridas e dos contextos profissionais de utilização e integração das TIC”.

De acordo com o artigo 2.º da referida Portaria, os objectivos do Sistema de Formação e de Certificação em Competências TIC são:

- a) Promover a generalização das competências digitais e das competências pedagógicas com o recurso às TIC dos docentes, com vista à generalização de práticas de ensino mais inovadoras e à melhoria das aprendizagens;
- b) Disponibilizar aos docentes um esquema articulado e coerente de formação TIC, modular, sequencial, disciplinarmente orientado, facilmente integrável no percurso formativo de cada docente e baseado num referencial de competências em TIC inovador, inspirado nas melhores práticas internacionais;
- c) Reconhecer aos docentes competências TIC adquiridas fora do quadro jurídico da formação contínua de professores.

A formação em competências digitais, que corresponde ao nível 1 deste Sistema de Formação, é composta por um dos cursos de formação de 15 horas apresentados no quadro seguinte:

**Quadro I**

Cursos de formação contínua — Competências digitais (nível 1)  
(Anexo I da Portaria n.º 731/2009, de 7 de Julho)

	<b>Curso A</b>	<b>Curso B</b>	<b>Curso C</b>
<b>Conteúdos</b>	Acesso e uso de informação em formato digital. Escrita em formato digital. Introdução à comunicação através de meios digitais. Segurança na Internet. Edição de imagens em formato digital. Organização e registo de dados numa folha de cálculo. Criação de apresentações.	Acesso e uso de informação em formato digital. Escrita em formato digital. Introdução à comunicação através de meios digitais. Segurança na Internet. Organização e registo de dados numa folha de cálculo. Organização e criação de uma base de dados. Criação de apresentações.	Acesso e uso de informação em formato digital. Escrita em formato digital. Introdução à comunicação através de meios digitais. Segurança na Internet. Comunicação e interacção em tempo real. Comunicação e interacção em tempo diferido. Criação de apresentações.

Para a certificação de nível 2 é necessário completar dois cursos opcionais e dois cursos obrigatórios de entre os seguintes:

- Ensino e aprendizagem com TIC
- Avaliação das aprendizagens com TIC.
- Quadros interactivos multimédia
- Plataformas de gestão de aprendizagens (LMS).
- Biblioteca escolar, literacias e currículo.
- Necessidades educativas especiais e TIC.
- Recursos educativos digitais — criação e avaliação.
- Portefólios educativos digitais.
- Liderança e modernização tecnológica das escolas.
- Coordenação de projectos TIC.

Como é possível verificar pela análise do quadro I, para os cursos de formação de nível 1, cuja duração é de 15 horas, um dos conteúdos abordados é a “Segurança na Internet”. No caso dos cursos de formação nível 2, nem esse tema, nem nenhum semelhante, fazem parte dos cursos obrigatórios. No entanto, é visível a importância que a integração das tecnologias da informação e

comunicação no contexto de ensino e de aprendizagem assume no desenvolvimento profissional dos docentes.

### **2.3 - Formação sobre *cyberbullying*/segurança na Internet**

Para além dos cursos de formação de nível 1 que inclui a abordagem ao tema “Segurança na Internet” nos seus conteúdos, apenas encontramos um curso creditado pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua: o curso denomina-se “Violência e Gestão de Conflitos na Escola”, é ministrado por uma equipa de docentes da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação no âmbito do projecto ED.UC (Ensino à Distância da Universidade de Coimbra) e o tema do *cyberbullying* encontra-se entre os seus conteúdos.

No entanto, este curso, nas suas primeiras concretizações durante o ano lectivo de 2010-2011, tem vindo a destinar-se apenas a professores indicados pelo Ministério da Educação, apoiado num protocolo celebrado entre a Universidade de Coimbra e o Ministério. Trata-se de um projecto-piloto cujo objectivo é ajudar os professores de escolas públicas a desenvolver competências para lidarem com problemas de indisciplina, *bullying* e *cyberbullying* (Amado, Vieira, Matos, & Pessoa, 2011). A modalidade do curso é *b-learning*, sendo suportado pelo projecto ED.UC (Ensino à Distância da Universidade de Coimbra), possibilitando assim o desenvolvimento de competências de forma autónoma e colaborativa, sem as restrições da formação presencial. Considerando as avaliações internas e externas efectuadas às diversas edições do curso, os professores revelaram terem alcançado uma maior consciencialização acerca da importância de sensibilizar toda a comunidade educativa, incluindo os pais e as instituições que têm relações com as escolas (Amado et al., 2011).

Como podemos verificar, apesar de haver por parte do Ministério de Educação uma grande aposta nas tecnologias da informação e comunicação, nomeadamente no uso da Internet como um recurso pedagógico, não existe uma preocupação idêntica e significativa no sentido de formar os professores relativamente aos perigos que essa mesma utilização acarreta, principalmente para os nossos alunos.

Neste ponto, convém salientar que existem, no entanto, vários projectos institucionais e não institucionais que procuram promover um uso responsável da Internet. Destacamos o projecto SeguraNet que tem como objectivo “promover uma utilização esclarecida, crítica e segura da Internet, quer pelas crianças e jovens, quer pelas famílias, trabalhadores e cidadãos no geral” (SeguraNet, 2007). Associado a este projecto existe um portal que promove diversas actividades, contém um centro de recursos, um glossário, alertas, entre outros. Foram, ainda, definidas, muito recentemente (Maio de 2011) e no âmbito deste projecto, as Metas de Aprendizagem que foram propostas na área das tecnologias da informação e comunicação, para os diversos níveis de ensino. Contudo, e apesar destes esforços, parece-nos insuficiente a aposta na formação de professores sobre *cyberbullying* ou sobre segurança na Internet. Professores mais esclarecidos poderão identificar mais facilmente situações de *cyberbullying*, bem como ajudar a prevenir e a lidar com o fenómeno.

# Capítulo 3

## Metodologia

---

“(...) extensive research is needed, capable both of characterizing the phenomenon in Portugal, especially among the younger population, and at the same time able to design the construction or upgrading of interpretative and explanatory models that may have a real impact on the prevention of bullying and cyberbullying among children and young people in our schools. We consider that is also necessary and urgent to study the needs in terms of knowledge and intervention strategies, that current and potential trainers (at various levels: in higher education, teachers’ training, parents’ education, and with children and young people) may identify as the most important to carry forward a preventive and intervening action effectively.”

(Amado, Matos, & Pessoa, 2010, p. 138)

No presente Capítulo serão apresentadas as questões de investigação que guiam o nosso estudo, a caracterização da amostra, o instrumento utilizado, os procedimentos para a recolha de dados e a forma como estes foram tratados.

### 3.1 – Opção metodológica

Esta investigação é de carácter hipotético-dedutivo e exploratório. Na realidade, com intuítos meramente exploratórios (tendo em vista futuros desenvolvimentos), pretendemos explorar e apresentar resultados genéricos relativamente ao pensamento dos professores acerca da problemática em causa, tendo em consideração os efeitos hipotéticos de diversas variáveis independentes.

A variável dependente do nosso estudo é o pensamento dos professores. De acordo com Tuckman (2005), “a variável dependente é o factor que é observado e medido, para determinar o efeito da variável independente” (p. 122). Por outro lado, a variável independente “é o factor que é medido, manipulado e seleccionado pelo investigador, para determinar a sua relação com um fenómeno observado” (Tuckman, 2005, pp. 121-122). A nossa investigação envolve três variáveis independentes: o sexo, o tempo de serviço e o departamento curricular dos professores.

Nesta linha, o “objectivo central do conhecimento é o de estabelecer relações causais entre as variáveis de um determinado fenómeno.” (Amado, 2009, p. 64), o que leva a centrarmos a nossa investigação no do paradigma hipotético-dedutivo.

### 3.2 – Questões de investigação

O presente estudo centra-se no pensamento dos professores sobre o fenómeno do *cyberbullying* e nas necessidades de formação sobre o tema. Assim, o nosso estudo consubstancia-se na seguinte questão:

*O que pensam os professores sobre o cyberbullying e quais são as suas necessidades de formação sobre o tema?*

Uma vez que a investigação sobre este fenómeno em Portugal é ainda embrionária e como não existem quaisquer estudos nacionais junto da população docente, decidimos adaptar um estudo publicado por Li (2008b) sobre as percepções dos professores em formação sobre *cyberbullying*.

A amostra da investigação de Li (2008b) correspondia a 154 professores que estavam a frequentar um curso de pós-graduação de dois anos numa Universidade do Canadá, cujo principal objectivo era permitir que os professores adquirissem conhecimentos teóricos e práticos sobre o ensino. É de referir que o estudo de Li foi replicado na Turquia por Yilmaz (2010), com uma amostra de 163 sujeitos. Em Portugal, a formação de novos professores difere da do Canadá e, para além disso, achámos que seria mais benéfico para a investigação estudar o pensamento dos professores já no activo, de modo a podermos dar indicações mais claras sobre as suas percepções e sobre as necessidades de formação nesta área.

Seguindo a mesma linha de trabalho de Li (2008b), as questões de investigação que guiam o nosso estudo são:

1. Em que medida é que os professores estão preocupados com o *cyberbullying*?
2. Qual a confiança dos professores para identificar situações de *cyberbullying*?
3. Em que medida é que os professores se sentem preparados para aconselhar os alunos sobre *cyberbullying*?
4. Em que medida é que os professores pensam que o envolvimento da escola é importante?
5. Em que medida é que os professores querem aprender mais sobre *cyberbullying* na sua formação contínua?
6. Os professores costumam conversar com os alunos sobre *cyberbullying*?

Para além de analisar as respostas relativamente a estas questões, pretendemos verificar as possíveis diferenças tendo em conta:

1. o sexo dos professores;
2. o tempo de serviço dos professores;
3. os departamentos curriculares dos professores.

É de referir que no questionário acrescentámos o item sobre o nível de ensino em que os professores leccionam. No entanto, como 67% dos questionários foram passados apenas em escolas secundárias e os restantes 33% numa escola secundária com 3º ciclo, considerámos que esta não seria uma variável a ter em conta, já que os professores que leccionam apenas 3º ciclo ou 3º ciclo e secundário são uma minoria.

No que concerne ao tempo de serviço dos professores optámos por dividir em quatro categorias:

- ✓ menos de 10 anos de serviço;
- ✓ entre 11 e 20 anos de serviço;
- ✓ entre 21 e 30 anos de serviço;
- ✓ mais de 30 anos de serviço.

Em relação aos departamentos curriculares, seguimos os definidos pelo Ministério da Educação, publicados no anexo 1 do Despacho n.º 7465/2008, de 13 de Março, a saber:

- ✓ Departamento curricular de Línguas;
- ✓ Departamento curricular de Ciências Sociais e Humanas;
- ✓ Departamento curricular de Matemática e Ciências Experimentais;
- ✓ Departamento curricular de Expressões.

### 3.3 – Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 100 professores de 3 escolas de áreas urbanas do distrito de Coimbra com uma distribuição semelhante (34% professores de uma Escola Secundária, 33% professores de outra Escola Secundária e 33% professores de uma Escola Secundária com 3º Ciclo). A maioria dos professores é do sexo feminino (66%).

Os professores pertencem a vários grupos de recrutamento, enquadrados nos quatro departamentos curriculares, como podemos verificar no quadro II.

**Quadro II**

Distribuição dos sujeitos por departamento curricular e grupo de recrutamento

<b>Departamento Curricular</b>	<b>Grupo de Recrutamento</b>	<b>% de sujeitos</b>	<b>% de sujeitos</b>
<b>Línguas</b>	300 - Português	14	25
	320 - Francês	3	
	330 - Inglês	7	
	350 - Espanhol	1	
<b>Ciências Sociais e Humanas</b>	400 - História	4	18
	410 - Filosofia	5	
	420 - Geografia	5	
	430 - Economia e Contabilidade	4	
<b>Ciências e Tecnologias</b>	500 - Matemática	9	36
	510 - Física e Química	5	
	520 - Biologia e Geologia	6	
	530 - Educação Tecnológica	5	
	540 - Electrotecnia	4	
	550 - Informática	7	
<b>Expressões</b>	600 - Artes Visuais	10	21
	610 - Música	1	
	620 - Educação Física	10	

O grupo de recrutamento mais representado na nossa amostra é o de Português o que seria expectável, uma vez que esta é uma disciplina transversal a todos os cursos e com uma carga horária significativa. Os grupos de recrutamento de Espanhol e Música são os menos representados pela razão oposta à anterior, já que correspondem a disciplinas menos comuns nos currículos do ensino básico e secundário.

Nos quadros III e IV podemos analisar a estatística descritiva relativa à idade dos professores e a sua distribuição por níveis etários, respectivamente.

**Quadro III**  
Estatística descritiva da idade

	<b>Nº de sujeitos</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>
<b>Idade</b>	100	27	61	47,14	8,444

**Quadro IV**  
Distribuição dos sujeitos por níveis etários

<b>Idade</b>	<b>% de sujeitos</b>
De 25 a 35 anos	10
De 36 a 45 anos	34
De 46 a 55 anos	36
Mais de 55 anos	20

Como podemos constatar nos quadros III e IV, a média de idades da amostra é de 47,14 anos, com um desvio padrão de 8,444. A maioria dos professores da amostra encontra-se entre os 36 e os 55 anos de idade.

Nos quadros V e VI podemos analisar a estatística descritiva relativa ao tempo de serviço dos professores e a sua distribuição por diferentes níveis, respectivamente.

**Quadro V**  
Estatística descritiva do tempo de serviço

	<b>Nº de sujeitos</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>
<b>Tempo de serviço</b>	100	1	40	22,16	9,577

**Quadro VI**  
Distribuição dos sujeitos por tempo de serviço

<b>Tempo de serviço</b>	<b>% de sujeitos</b>
De 1 a 10 anos	12
De 11 a 20 anos	36
De 21 a 30 anos	31
Mais de 30 anos	21

No que concerne ao tempo de serviço, a amostra de professores apresenta bastante experiência no ensino, uma vez que a maioria dos professores tem entre 11 e 30 anos de serviço, sendo que a média é de 22,16 anos de serviço, com um desvio padrão de 9,577. Como se pode verificar pela análise dos quadros V e VI, os níveis etários e os níveis escolhidos para o tempo de serviço apresentam uma percentagem muito semelhante de sujeitos por cada nível. Tal não é de estranhar, uma vez que o tempo de serviço é proporcional à idade, ou seja, é natural que um professor mais novo tenha poucos anos de serviço e um professor mais velho tenha mais anos de serviço. É por esta razão que optámos por analisar os resultados tendo em conta apenas o tempo de serviço e não a idade e o tempo de serviço, de modo a evitar redundância na informação.

É ainda de salientar que 76% dos professores leccionam apenas ao ensino secundário, 21% leccionam ao ensino secundário e ao 3º ciclo e 5% leccionam somente ao 3º ciclo. Esta distribuição resultou do facto de todas as escolas que aceitaram participar no nosso estudo terem na sua oferta formativa o ensino

secundário, sendo que apenas uma delas também tinha 3º ciclo, como já foi referido.

### 3.4 – Instrumento

O instrumento utilizado, que designámos por *Questionário para Professores sobre Cyberbullying nas Escolas*, resulta de uma adaptação do *Survey on School Cyberbullying for Preservice Teachers* (Li, 2008b) (cf. anexo I).

O questionário aplicado por Li (2008b) foi validado de duas formas. Inicialmente, o instrumento foi desenvolvido com base num já existente, denominado *Teachers' Attitude About Bullying Questionnaire*. Embora o *cyberbullying* tenha as suas próprias características, há questões paralelas entre o *bullying* e o *cyberbullying* (Li, 2008b). Posteriormente, um painel multidisciplinar de peritos reviu o instrumento (Li, 2008b). O questionário foi, também, replicado na Turquia por Yılmaz (2010). O coeficiente Alpha de fiabilidade interna do instrumento é de 0.88.

Assim, podemos considerar que uma adaptação do *Survey on School Cyberbullying for Preservice Teachers* é um instrumento válido para perceber o pensamento dos professores sobre *cyberbullying*.

O instrumento aplicado (cf. anexo II) apresenta, no seu início, uma explicação genérica sobre o fenómeno do *cyberbullying*, de modo a que os professores tivessem um entendimento genérico sobre o tema, uma vez que, sendo esta uma problemática recente, os sujeitos poderiam não ter informação suficiente para responder ao questionário de modo adequado.

De seguida, existem 5 itens relacionados com a caracterização dos sujeitos, a saber: sexo, idade, tempo de serviço, nível de ensino em que lecciona e o grupo de recrutamento.

O questionário propriamente dito é constituído por 21 itens respondidos numa escala de resposta de concordância Likert (1 – *Discordo muito*, 2 – *Discordo*, 3 – *Não discordo, nem concordo*, 4 – *Concordo*, 5 – *Concordo muito*). Esta é “uma escala de cinco níveis, em que cada um desses diferentes níveis é considerado de igual amplitude” e “usa-se para registar o grau de concordância com determinada afirmação” (Tuckman, 2005, pp. 279-280).

É importante referir que embora tenha sido utilizada uma escala de resposta de concordância Likert de cinco níveis no questionário, os resultados finais são apresentados usando uma escala de resposta de concordância Likert de três níveis (1 – *Discordo ou Discordo muito*, 2 – *Não discordo, nem concordo*, 3 – *Concordo ou Concordo muito*). Li (2008b) e Yilmaz (2010) também tomaram esta opção e concordámos que seria mais relevante para a análise dos dados, optar pela escala de três níveis, de modo a garantir variância suficiente para termos mais consistência e, conseqüentemente, melhor interpretação dos resultados.

No final do questionário, existe um espaço para que os professores pudessem deixar os seus comentários, caso o desejassem.

Do questionário original foram retiradas duas questões (cf. anexo I, 20 e 22) relativas, especificamente, à preparação universitária dos sujeitos, uma vez que iríamos aplicá-lo a professores em diversas etapas da carreira e não a professores estagiários, tal como aconteceu nos casos de (Li, 2008b) e Yilmaz (2010). Assim, adaptámos a questão sobre se os professores queriam aprender mais sobre *cyberbullying* na sua educação universitária para “Gostaria de aprender mais sobre *cyberbullying* na minha formação contínua”.

Para além destas alterações foi acrescentado um item, de modo a perceber se os professores costumam abordar o tema do *cyberbullying* com os seus alunos.

O questionário pretende obter respostas para as questões apresentadas na secção anterior. Para uma melhor compreensão sobre quais os itens relacionados com cada uma das questões de investigação, o quadro VII explicita a relação entre as questões e os itens do questionário.

**Quadro VII**

Relação entre as questões de investigação e os itens do questionário

Questão de investigação	Itens do questionário
<b>Em que medida é que os professores estão preocupados com o <i>cyberbullying</i>?</b>	1. O <i>cyberbullying</i> é um problema nas escolas. 2. Os jovens são afectados pelo <i>cyberbullying</i> . 3. Estou preocupado com o <i>cyberbullying</i> .
<b>Qual a confiança dos professores para identificar situações de <i>cyberbullying</i>?</b>	4. Sinto-me confiante na minha capacidade de identificar situações de <i>cyberbullying</i>
<b>Em que medida é que os professores se sentem preparados para aconselhar os alunos sobre <i>cyberbullying</i>?</b>	5. Sei aconselhar os meus alunos sobre situações de <i>cyberbullying</i> . 6. Se soubesse que existia <i>cyberbullying</i> na minha escola tomaria uma atitude.
<b>Em que medida é que os professores pensam que o envolvimento da escola é importante?</b>	7. As escolas devem promover políticas de prevenção do <i>cyberbullying</i> . 8. As escolas devem ter acções de formação para pessoal docente sobre <i>cyberbullying</i> . 9. Os professores devem incluir o <i>cyberbullying</i> no currículo de modo a informar os jovens. 10. Os professores devem desenvolver actividades, durante as aulas, para prevenir o <i>cyberbullying</i> . 11. Os Directores devem organizar actividades na escola para prevenir e lidar com problemas de <i>cyberbullying</i> . 12. Devem ser administrados questionários aos alunos para os inquirir sobre as suas experiências como vítimas de <i>cyberbullying</i> . 13. Devem ser formadas comissões nas escolas para examinar o problema do <i>cyberbullying</i> . 14. As escolas devem discutir o problema do <i>cyberbullying</i> com os pais e encarregados de educação. 15. As assembleias de escola devem analisar o problema do <i>cyberbullying</i> . 16. As escolas devem criar parcerias com a Comunidade para lidar com o <i>cyberbullying</i> . 18. Os jovens devem ser aconselhados sobre como lidar com o <i>cyberbullying</i> . 19. Os recursos da escola devem ser usados para ajudar os professores a lidar com o <i>cyberbullying</i> .
<b>Em que medida é que os professores querem aprender mais sobre <i>cyberbullying</i> na sua formação contínua?</b>	17. A televisão e outros <i>media</i> devem discutir o problema do <i>cyberbullying</i> . 20. Gostaria de aprender mais sobre <i>cyberbullying</i> na minha formação contínua.

Questão de investigação	Itens do questionário
Os professores costumam conversar com os alunos sobre <i>cyberbullying</i> ?	21. Costumo conversar com os meus alunos sobre <i>cyberbullying</i> .

### 3.4.1 – Consistência interna

Numa investigação, deve-se avaliar a fidelidade dos instrumentos utilizados antes de se poderem aferir quaisquer conclusões sobre os seus resultados (Tuckman, 2005).

A consistência interna corresponde ao “grau de uniformidade ou de coerência existente entre as respostas dos sujeitos a cada um dos itens que compõem a prova” (Almeida & Freire, 2008, p. 183).

Para averiguar a consistência interna do instrumento utilizado, procedemos ao cálculo do valor do *Alpha de Cronbach*. A consistência interna será maior, quanto mais alto for o seu valor (Almeida & Freire, 2008).

O valor do *Alpha de Cronbach* para o nosso questionário é de 0,724, apresentando uma razoável consistência interna (Nunnally, 1978) (cf. quadro VIII).

**Quadro VIII**  
Consistência interna do questionário

Alpha de Cronbach	Nº de itens
,724	21

### **3.5 – Procedimentos na recolha de dados**

Quando chegámos à versão final do questionário (cf. anexo II) foi enviado um pedido à Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, de acordo com o Despacho n.º 15 847/2007, de 23 de Julho, de autorização para a aplicação do questionário em agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas do ensino público. O pedido de autorização foi aprovado no dia 19 de Outubro de 2010 (cf. anexo III).

Após a autorização concedida pela DGIDC foram enviadas cartas (cf. anexo IV) a quatro Direcções de escolas sitas em áreas urbanas do distrito de Coimbra, a solicitar a aplicação do questionário e o respectivo enquadramento. Uma das escolas recusou o pedido. A selecção das escolas foi feita por conveniência.

A aplicação do questionário ficou a cargo das próprias escolas, sendo que foi solicitado que existisse a preocupação de variar o sexo, a idade, o tempo de serviço e o grupo de recrutamento dos professores.

### **3.6 – Tratamento dos dados**

Para o tratamento de dados foi feito um estudo estatístico descritivo dos dados para cada um dos itens do questionário. São representadas as percentagens obtidas para o total da amostra, bem como para cada uma das variáveis em estudo (sexo, departamento curricular e tempo de serviço).

Paralelamente à apresentação descritiva dos dados, procedemos à aplicação de testes estatísticos para averiguar se as diferenças entre os diversos grupos são significativas.

“Os testes estatísticos constituem a maior ajuda para a interpretação dos dados” (Tuckman, 2005, p. 369). É através deste tipo de testes que podemos “comparar grupos de dados, de modo a determinar qual a probabilidade da diferença entre eles se basear no acaso, proporcionando assim as provas para ajuizar da validade de uma hipótese” (Tuckman, 2005, p. 369).

Para analisar se as diferenças entre os professores do sexo masculino e do sexo feminino são efectivamente significativas, recorreremos ao t-teste. Este é um “teste estatístico que permite comparar duas médias, para determinar se a probabilidade de diferença entre as médias é uma diferença efectiva e não ocasional.” (Tuckman, 2005, p. 387). Mais especificamente, utilizámos o teste *t* para duas amostras independentes, uma vez que este se aplica quando “se pretende comparar as médias de uma variável quantitativa em dois grupos diferentes de sujeitos e se desconhecem as respectivas variâncias populacionais.” (Pestana & Gageiro, 2005, p. 229).

Para analisar se as diferenças entre os grupos de professores, quer em relação ao tempo de serviço, quer em relação ao departamento curricular, são estatisticamente significativas, recorreremos ao teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis, uma vez que alguns dos grupos têm dimensão inferior a 30 sujeitos. O teste de Kruskal-Wallis permite verificar “se existem diferenças no pós-teste entre três ou mais condições experimentais” (Pestana & Gageiro, 2005, p. 455).

Para efectuar o tratamento estatístico dos dados, recorreremos ao programa SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences* (versão 17.0 para Windows).

## Capítulo 4

### Análise e discussão dos resultados

---

“Os adolescentes também são vítimas e culpados em casos de cyberbullying. Joana, de 13 anos, gostava de Rui. Rui, de 14, gostava de Patrícia, de 13. Patrícia não era amiga de Joana e também não gostava assim tanto de Rui mas foi apanhada numa teia que Joana teceu para a culpar pelo interesse do rapaz por quem dizia estar apaixonada. A ‘rival’ criou um perfil falso fazendo-se passar por Patrícia, com fotos roubadas ao perfil verdadeiro da adolescente, “a dizer que ela fazia isto e aquilo em termos sexuais”.

Patrícia chorou. Chorou muito e durante vários dias. Repetia insistentemente “mas eu não sou assim” e a ligação à escola passou por momentos conturbados. “A relação com os outros e consigo própria também sofreu danos. A auto-estima ficou completamente arrasada”, conta um especialista que lidou de perto com a adolescente.”

*In Correio da Manhã, publicado em 13 de Fevereiro de 2011*

Os resultados aqui apresentados pretendem responder às questões de investigações definidas anteriormente e que voltamos a apresentar:

1. Em que medida é que os professores estão preocupados com o *cyberbullying*?
2. Qual a confiança dos professores para identificar situações de *cyberbullying*?
3. Em que medida é que os professores se sentem preparados para lidar com o *cyberbullying*?
4. Em que medida é que os professores pensam que o envolvimento da escola é importante?
5. Em que medida é que os professores querem aprender mais sobre *cyberbullying* na sua formação contínua?
6. Os professores costumam conversar com os alunos sobre *cyberbullying*?

Os dados serão apresentados em quadros, um por cada item do questionário.

Para além das respostas às questões apresentadas, vamos averiguar se existem diferenças estatisticamente significativas relativamente ao sexo, ao tempo de serviço e ao departamento curricular dos professores. Assim, para além da apresentação dos dados obtidos em cada um dos itens do questionário, serão também mostrados os resultados dos testes estatísticos efectuados. Após a apresentação dos dados procede-se à sua discussão.

#### **4.1 - Preocupação com o *cyberbullying***

Para analisar em que medida é que os professores estão preocupados com o *cyberbullying*, considerámos três afirmações incluídas no questionário: “O *cyberbullying* é um problema nas escolas”, “Os jovens são afectados pelo *cyberbullying*.” e “Estou preocupado com o *cyberbullying*”.

**Quadro IX**

Análise do item “O *cyberbullying* é um problema nas escolas.”

	<b>Discordo ou Discordo Muito</b>	<b>Não Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo ou Concordo Muito</b>	
<b><i>Problema nas escolas</i></b>	<b>15,0%</b>	<b>17,0%</b>	<b>68,0%</b>	
<i>Masculino</i>	8,8%	5,9%	85,3%	*t = -2,398 p < 0,05
<i>Feminino</i>	18,2%	21,2%	60,6%	
<i>Línguas</i>	4,0%	28,0%	68,0%	n. s.
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	22,2%	22,2%	55,6%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	16,7%	8,3%	75,0%	
<i>Expressões</i>	19,0%	9,5%	71,4%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	8,3%	0,0%	91,7%	n. s.
<i>De 11 a 20 anos</i>	16,7%	13,9%	69,4%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	16,1%	22,6%	61,3%	
<i>Mais de 30 anos</i>	14,3%	19,0%	66,7%	

\*Teste *t* para duas amostras independentes

A análise dos dados do quadro IX mostra-nos que, em geral, a maioria dos professores (68%) acredita que o *cyberbullying* é um problema nas escolas.

No que concerne à questão do sexo, verificamos que a maioria dos professores quer do sexo masculino, quer os do sexo feminino acredita que o *cyberbullying* é um problema nas escolas. No entanto, os professores do sexo masculino (85,3%) acreditam que o *cyberbullying* é um problema mais sério nas escolas do que os professores do sexo feminino (60,6%) (cf. quadro IX).

Estes dados podem resultar do facto de a maioria dos sujeitos do sexo masculino (50,0%, cf. quadro X) pertencer ao departamento curricular de Ciências e Tecnologias, ou seja, à partida tem um contacto mais frequente com as tecnologias da informação e comunicação e, como tal, tem, possivelmente, uma maior sensibilidade para reconhecer situações de *cyberbullying* na escola.

**Quadro X**

Distribuição dos sujeitos do sexo masculino por departamento curricular

<b>Departamento curricular</b>	<b>% de sujeitos do sexo masculino</b>
Línguas	5,9%
Ciências Sociais e Humanas	8,8%
Ciências e Tecnologias	50,0%
Expressões	35,3%

Estes resultados contradizem os de Yılmaz (2010). Os participantes turcos do sexo feminino (85,2%) acreditam que o *cyberbullying* é um problema mais sério do que os participantes do sexo masculino (69,3%).

Analisando os dados, tendo em conta o departamento curricular dos professores, verificamos que não existem diferenças estatisticamente significativas. No entanto, ao examinarmos estes dados constatamos que apenas cerca de metade (55,6%) dos professores do departamento curricular de Ciências Sociais e Humanas acredita que o *cyberbullying* é um problema nas escolas, enquanto a percentagem dos professores dos restantes departamentos curriculares que acredita que o *cyberbullying* é um problema nas escolas é superior, variando entre os 68,0% e os 75,0% (cf. quadro IX). Estes resultados podem ser o reflexo do facto dos grupos de recrutamento que fazem parte do departamento curricular de Ciências Sociais e Humanas serem de áreas menos relacionadas com as tecnologias da informação e comunicação. Assim, estes professores poderão não estar familiarizados com o fenómeno.

Relativamente ao tempo de serviço dos professores, verificamos que, também, não existem diferenças estatisticamente significativas. Porém, ao analisarmos estes dados, verificamos que 91,7% dos professores com menos tempo de serviço (de 1 a 10 anos) acreditam que o *cyberbullying* é um problema

nas escolas, enquanto a percentagem dos restantes professores que acredita no mesmo varia entre os 61,3% e os 69,4% (cf. quadro IX). Esta diferença acentuada, apesar de, como referimos, não ser estaticamente significativa, pode ser explicada pelo facto de os professores com menos tempo de serviço (que serão também os professores mais novos) lidarem mais com as novas tecnologias e, como tal, sejam mais sensíveis à problemática e se aperceberem mais facilmente da sua existência.

Os resultados obtidos são semelhantes aos apresentados por Yılmaz (2010), para quem 85,9% dos professores reconhecem o *cyberbullying* como um problema nas escolas. No entanto, contradizem os dados apresentados por Li (2008b), onde apenas 31,9% dos sujeitos reconhecem a existência deste problema.

**Quadro XI**  
Análise do item “Os jovens são afectados pelo *cyberbullying*.”

	<b>Discordo ou Discordo Muito</b>	<b>Não Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo ou Concordo Muito</b>	
<b><i>Jovens são afectados</i></b>	<b>1,0%</b>	<b>5,0%</b>	<b>94,0%</b>	
<i>Masculino</i>	0,0%	2,9%	97,1%	n. s.
<i>Feminino</i>	1,5%	4,5%	93,9%	
<i>Línguas</i>	0,0%	4,0%	96,0%	n. s.
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	2,8%	2,8%	94,4%	
<i>Expressões</i>	0,0%	9,5%	90,5%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	n. s.
<i>De 11 a 20 anos</i>	2,8%	5,6%	91,7%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	6,5%	93,5%	
<i>Mais de 30 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	

No que diz respeito ao impacto que o *cyberbullying* tem nos jovens, verificamos que uma percentagem ainda maior de professores (94%) acredita que os jovens são afectados por este fenómeno (cf. quadro XI).

Considerando o sexo, o tempo de serviço e o departamento curricular dos professores, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, ou seja, independentemente destas três variáveis, os professores acreditam que os jovens são afectados pelo *cyberbullying*.

Ao compararmos os nossos dados com os de Li (2008b) e os de Yilmaz (2010) verificamos que a maioria dos professores canadianos e turcos também reconhece que os jovens são afectados pelo *cyberbullying*, apesar de a percentagem apresentada por Li (2008b), ser mais baixa; com efeito 65,5% dos sujeitos concordam com esta ideia, contra 85,9% dos professores turcos e 94% dos professores portugueses.

#### Quadro XII

Análise do item “Estou preocupado com o *cyberbullying*”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<b><i>Estou preocupado</i></b>	<b>3,0%</b>	<b>13,0%</b>	<b>84,0%</b>	
<i>Masculino</i>	2,9%	11,8%	85,3%	
<i>Feminino</i>	3,0%	13,6%	83,3%	n. s.
<i>Línguas</i>	4,0%	12,0%	84,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	11,1%	88,9%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	2,8%	13,9%	83,3%	n. s.
<i>Expressões</i>	4,8%	14,3%	81,0%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	16,7%	83,3%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	8,3%	16,7%	75,0%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	6,5%	93,5%	n. s.
<i>Mais de 30 anos</i>	0,0%	14,3%	85,7%	

Quando questionados se estão preocupados com o *cyberbullying*, o padrão mantém-se. Uma grande maioria dos professores (84%) está preocupada com este fenómeno e apenas 1,0% afirma o contrário, conforme infere o quadro XII.

Não se verificam diferenças estatisticamente significativas quando analisamos o sexo, o tempo de serviço e o departamento curricular dos professores.

Os professores portugueses mostram-se mais preocupados com o *cyberbullying* do que os professores estagiários canadianos (49,7%) (Li, 2008b) e com níveis semelhantes aos dos professores estagiários turcos (77,3%) (Yılmaz, 2010).

#### 4.2 - Confiança para identificar situações de *cyberbullying*

Para analisar a confiança dos professores para identificar situações de *cyberbullying*, considerámos a seguinte afirmação: “Sinto-me confiante na minha capacidade de identificar situações de *cyberbullying*”.

**Quadro XIII**

Análise do item “Sinto-me confiante na minha capacidade de identificar situações de *cyberbullying*.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<b><i>Identificar cyberbullying</i></b>	<b>32,0%</b>	<b>35,0%</b>	<b>33,0%</b>	
<i>Masculino</i>	17,6%	35,3%	47,1%	*t = -2,664 p < 0,01
<i>Feminino</i>	40,9%	33,3%	25,8%	
<i>Línguas</i>	44,0%	28,0%	28,0%	** $\chi^2 = 10,103$ p < 0,05
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	55,6%	33,3%	11,1%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	25,0%	27,8%	47,2%	
<i>Expressões</i>	14,3%	52,4%	33,3%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	25,0%	25,0%	50,0%	n. s.
<i>De 11 a 20 anos</i>	38,9%	33,3%	27,8%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	32,3%	35,5%	32,3%	
<i>Mais de 30 anos</i>	28,6%	38,1%	33,3%	

\*Teste t para duas amostras independentes

\*\*Teste de Kruskal-Wallis

Como se pode observar no quadro XIII, apenas um terço dos professores se sente confiante na sua capacidade de identificar situações de *cyberbullying*. Verificamos, ainda, que 32% não se sentem confiantes em identificar este tipo de situações e 35% apresentam-se como neutros face a esta questão.

No que diz respeito ao sexo dos participantes, verificamos que existe uma diferença estatisticamente significativa entre os participantes do sexo masculino e os do sexo feminino ( $t = -2,664$ ;  $p < 0,01$ ). Os participantes do sexo masculino (47,1%) sentem-se cerca de duas vezes mais confiantes em identificar situações de *cyberbullying* do que os seus colegas do sexo feminino (25,8%). Os resultados relativamente à posição neutra são muito semelhantes para ambos os sexos. Estes resultados não surpreendem, tendo em conta que os homens consideraram que o *cyberbullying* é um problema mais sério do que as mulheres. Assim, seria expectável que tivessem mais confiança em identificar situações deste tipo.

Estes resultados contradizem os de Yılmaz (2010), onde tanto os participantes do sexo masculino, como os do sexo feminino, apresentam resultados muito semelhantes face à questão em estudo.

Considerando o departamento curricular dos professores também encontramos diferenças estatisticamente significativas. Apenas 11,1% dos professores do departamento de Ciências Sociais e Humanas se sentem confiantes em identificar situações de *cyberbullying*. Por outro lado, quase metade dos professores de Ciências e Tecnologias se sentem confiantes em identificar situações deste tipo. A maioria dos professores do departamento curricular de Expressões apresenta uma posição neutra face a esta situação e quase metade dos professores do departamento curricular de Línguas não se sente confiante em identificar situações de *cyberbullying*.

Estes dados podem ser o resultado do facto de, em princípio, os professores de Ciências e Tecnologias serem aqueles que têm mais proximidade com os meios onde o *cyberbullying* se propaga, em oposição aos professores dos restantes departamentos curriculares.

No que concerne ao tempo de serviço, verificamos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os quatro grupos. No entanto, a percentagem de professores entre os 1 e 10 anos de serviço destaca-se, uma vez que metade deles se sente confiante em identificar situações de *cyberbullying*, enquanto as percentagens, para os restantes grupos, variam entre os 27,8% e os 33,3%. Este resultado pode estar relacionado com o facto de os professores com menos tempo de serviço serem, logicamente, os mais novos, logo terão um maior domínio das tecnologias e, conseqüentemente, mais facilidade em identificar situações de *cyberbullying*.

Os resultados são surpreendentes quando comparados com os estudos de Li (2008b) e de Yılmaz (2010). De acordo com o estudo de Li (2008b), a maioria dos professores não se sente confiante em identificar situações de *cyberbullying* (53,3%), e, no estudo de Yılmaz (2010), os resultados são opostos, já que a maioria se sente confiante (51,5%). Os nossos resultados são intermédios, uma vez que os professores portugueses se dividem entre os três níveis da escala de concordância.

#### **4.3 – Aconselhamento sobre *cyberbullying***

Para analisar a confiança dos professores para aconselhar os alunos sobre situações de *cyberbullying*, considerámos as seguintes afirmações: “Sei aconselhar os meus alunos sobre situações de *cyberbullying*” e “Se soubesse que existia *cyberbullying* na minha escola tomaria uma atitude.”

**Quadro XIV**

Análise do item “Sei aconselhar os meus alunos sobre situações de *cyberbullying*.”

	<b>Discordo ou Discordo Muito</b>	<b>Não Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo ou Concordo Muito</b>	
<i>Aconselhar os alunos</i>	<b>23,0%</b>	<b>27,0%</b>	<b>50,0%</b>	
<i>Masculino</i>	17,6%	35,3%	47,1%	
<i>Feminino</i>	25,8%	21,2%	53,0%	n. s.
<i>Línguas</i>	24,0%	16,0%	60,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	38,9%	33,3%	27,8%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	22,2%	22,2%	55,6%	n. s.
<i>Expressões</i>	9,5%	38,1%	52,4%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	16,7%	25,0%	58,3%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	16,7%	30,6%	52,8%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	25,8%	19,4%	54,8%	n. s.
<i>Mais de 30 anos</i>	33,3%	28,6%	38,1%	

Conforme se infere do quadro XIV, metade dos sujeitos afirma que sabe aconselhar os seus alunos sobre *cyberbullying*, 27% apresentam uma posição neutra e cerca de um sexto admite não saber aconselhar os seus alunos sobre este tema.

Ao analisarmos os resultados tendo em conta o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre eles, no entanto, consideramos que alguns dos dados obtidos merecem a nossa atenção.

Assim, tendo em consideração o departamento curricular, constatamos que apenas 27,8% dos professores de Ciências Sociais e Humanas afirmam que sabem aconselhar os seus alunos, enquanto, para os restantes departamentos, essa percentagem varia entre os 52,4% e os 60,0%; ou seja, a maioria dos professores dos outros departamentos sente-se confiante no aconselhamento sobre *cyberbullying*. Menos de um décimo dos professores de Expressões admite não saber aconselhar os seus alunos sobre *cyberbullying*. Tal como em relação à

questão sobre a confiança em identificar *cyberbullying*, este é o departamento que apresenta um resultado mais elevado na posição neutra (38,1%).

Ao analisarmos os dados relativamente ao tempo de serviço, verificamos que a maioria dos professores admite saber aconselhar os seus alunos sobre *cyberbullying*, excepto o grupo dos professores com mais de 30 anos de serviço. Uma possível explicação para estes resultados é o facto de este ser o grupo constituído por professores mais velhos, uma vez que o tempo de serviço tende a ser proporcional à idade. Deste modo, este será o grupo de professores que estará menos familiarizado com o uso das tecnologias da informação e comunicação.

O item analisado no questionário aplicado por Li (2008b) e por Yilmaz (2010) é ligeiramente diferente, apontando para a confiança dos professores em gerir *cyberbullying*. Apesar das diferenças, consideramos que é possível fazer comparações. Mais uma vez, os resultados dos participantes canadianos diferem dos apresentados para os participantes turcos e para os participantes portugueses. Apenas 11,1% dos professores canadianos se mostraram confiantes, contra 48,5% dos professores turcos. O resultado dos professores portugueses (50,0%) aproxima-se dos participantes turcos.

**Quadro XV**

Análise do item “Se soubesse que existia *cyberbullying* na minha escola tomaria uma atitude.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<b><i>Tomaria uma atitude</i></b>	0,0%	6,0%	94,0%	
<i>Masculino</i>	0,0%	5,9%	94,1%	
<i>Feminino</i>	0,0%	6,1%	93,9%	n. s.
<i>Línguas</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	11,1%	88,9%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	0,0%	5,6%	94,4%	n. s.
<i>Expressões</i>	0,0%	9,5%	90,5%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	0,0%	8,3%	91,7%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	3,2%	96,8%	n. s.
<i>Mais de 30 anos</i>	0,0%	9,5%	90,5%	

Ao analisarmos qual seria a posição dos professores se soubessem que existia *cyberbullying* na sua escola, verificamos que a quase totalidade (94,0%) refere que tomaria uma atitude. É ainda de realçar que nenhum dos sujeitos referiu que não tomaria uma atitude e apenas 6,0% se mostraram neutros perante esta questão (cf. quadro XV).

Considerando o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço não se verificam diferenças estatisticamente significativas. Em todos os casos, a percentagem dos professores que refere que tomaria uma atitude é bastante elevada sendo, em alguns casos, de 100,0%.

Estes resultados indicam que apesar de nem todos os professores se sentirem confiantes em identificar *cyberbullying*, nem saberem aconselhar os seus alunos sobre *cyberbullying*, quase todos mostram uma atitude pró-activa perante uma hipotética situação de *cyberbullying* na sua escola.

Não existem resultados comparativos nos estudos turco e canadiano.

#### 4.4 – Envolvimento da escola

A importância do envolvimento da escola na abordagem ao problema do *cyberbullying* foi outro assunto a investigar. Como existem inúmeras formas de se envolver a escola num determinado assunto, optámos pelos itens escolhidos por Li (2008b) para analisar esta matéria. Assim, foram tidos em considerações 12 itens do questionário, a saber: “As escolas devem promover políticas de prevenção do *cyberbullying*”, “As escolas devem ter acções de formação para pessoal docente sobre *cyberbullying*”, “Os professores devem incluir o *cyberbullying* no currículo de modo a informar os jovens”, “Os professores devem desenvolver actividades, durante as aulas, para prevenir o *cyberbullying*”, “Os Directores devem organizar actividades na escola para prevenir e lidar com problemas de *cyberbullying*”, “Devem ser administrados questionários aos alunos para os inquirir sobre as suas experiências como vítimas de *cyberbullying*”, “Devem ser formadas comissões nas escolas para examinar o problema do *cyberbullying*”, “As escolas devem discutir o problema do *cyberbullying* com os pais e encarregados de educação”, “As assembleias de escola devem analisar o problema do *cyberbullying*”, “As escolas devem criar parcerias com a Comunidade para lidar com o *cyberbullying*”, “Os jovens devem ser aconselhados sobre como lidar com o *cyberbullying*” e “Os recursos da escola devem ser usados para ajudar os professores a lidar com o *cyberbullying*”.

**Quadro XVI**

Análise do item “As escolas devem promover políticas de prevenção do *cyberbullying*.”

	<b>Discordo ou Discordo Muito</b>	<b>Não Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo ou Concordo Muito</b>	
<b><i>Políticas da escola</i></b>	0,0%	4,0%	96,0%	
<i>Masculino</i>	0,0%	5,9%	94,1%	n. s.
<i>Feminino</i>	0,0%	1,5%	98,5%	
<i>Línguas</i>	0,0%	0,0%	100,0%	n. s.
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	5,6%	94,4%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	0,0%	2,8%	97,2%	
<i>Expressões</i>	0,0%	4,8%	95,2%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	n. s.
<i>De 11 a 20 anos</i>	0,0%	2,8%	97,2%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	3,2%	96,8%	
<i>Mais de 30 anos</i>	0,0%	4,8%	95,2%	

Pela análise do quadro XVI, podemos constatar que a quase totalidade dos professores considera que se devem promover políticas de prevenção do *cyberbullying*. Nenhum dos sujeitos discorda desta posição e apenas 4,0% optam pela posição neutra.

Não existem diferenças significativas quando analisamos o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço dos professores.

Estes resultados são semelhantes aos apresentados por Li (2008b) e por Yılmaz (2010), sendo que os professores portugueses são os que apresentam uma percentagem mais elevada de concordância com a promoção de políticas de intervenção (96,0%) comparativamente com os turcos (90,2%) e com os canadianos (75,3%), estes últimos com uma percentagem inferior.

**Quadro XVII**

Análise do item “As escolas devem ter acções de formação para pessoal docente sobre *cyberbullying*.”

	<b>Discordo ou Discordo Muito</b>	<b>Não Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo ou Concordo Muito</b>	
<i>Acções de formação na escola</i>	1,0%	7,0%	92,0%	
<i>Masculino</i>	0,0%	14,7%	85,3%	n. s.
<i>Feminino</i>	1,5%	3,0%	95,5%	
<i>Línguas</i>	4,0%	4,0%	92,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	5,6%	94,4%	n. s.
<i>Ciências e Tecnologias</i>	0,0%	5,6%	94,4%	
<i>Expressões</i>	0,0%	14,3%	85,7%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	8,3%	91,7%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	2,8%	8,3%	88,9%	n. s.
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	6,5%	93,5%	
<i>Mais de 30 anos</i>	0,0%	4,8%	95,2%	

Em relação à questão se as escolas devem ter acções de formação para pessoal docente sobre *cyberbullying*, 92,0% dos professores concordam e apenas 1,0% discorda (cf. quadro XVI).

Considerando o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço dos docentes, não se verificam diferenças estatisticamente significativas.

Internacionalmente, os resultados são um pouco mais baixos, apesar de a maioria dos professores turcos (67,6%) e canadianos (88,3%) concordarem que devem existir formações na escola sobre esta temática.

**Quadro XVIII**

Análise do item “Os professores devem incluir o *Cyberbullying* no currículo de modo a informar os jovens.”

	<b>Discordo ou Discordo Muito</b>	<b>Não Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo ou Concordo Muito</b>	
<b><i>Currículo</i></b>	10,0%	18,0%	72,0%	
<i>Masculino</i>	8,8%	23,5%	67,6%	
<i>Feminino</i>	10,6%	15,2%	74,2%	n. s.
<i>Línguas</i>	0,0%	16,0%	84,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	11,1%	5,6%	83,3%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	19,4%	22,2%	58,3%	n. s.
<i>Expressões</i>	4,8%	23,8%	71,4%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	8,3%	16,7%	75,0%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	2,8%	22,2%	75,0%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	16,1%	16,1%	67,7%	n. s.
<i>Mais de 30 anos</i>	14,3%	14,3%	71,4%	

Como se pode observar no quadro XVIII, a maioria dos professores (72,0%) considera que os professores devem incluir o *cyberbullying* no currículo, de modo a informar os jovens. Apenas um em cada dez professores tem uma posição contrária.

Não existem diferenças significativas em relação ao sexo, departamento curricular e tempo de serviço dos docentes. No entanto, quando analisamos os dados tendo em conta o departamento curricular (cf. quadro XVIII), verificamos que os professores de Ciências e Tecnologias são os que apresentam uma percentagem mais baixa (58,3%) comparativamente com os professores dos outros departamentos, cujos valores variam entre os 71,4% e os 84,0%. Uma possível explicação para estes resultados pode estar relacionada com o facto de os docentes de Ciências e Tecnologias talvez considerarem que a formação relacionada com as tecnologias, incluindo o *cyberbullying*, não tenha de ser específica, podendo decorrer da formação geral da sua área; os professores dos outros departamentos, como eles próprios se sentem menos seguros relativamente

ao tema, talvez considerem que, mesmo junto dos alunos, se torne indispensável uma formação específica sobre o tema.

Os resultados do quadro XVIII contradizem os de Li (2008b), em que a maioria dos professores discordou ou se manteve neutro perante esta questão. Por outro lado, a grande maioria dos professores turcos (91,4%) considerou que deve incluir o *cyberbullying* no currículo.

#### Quadro XIX

Análise do item “Os professores devem desenvolver actividades, durante as aulas, para prevenir o *cyberbullying*.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<i>Actividades em sala de aula</i>	11,0%	19,0%	70,0%	
<i>Masculino</i>	8,8%	23,5%	67,6%	
<i>Feminino</i>	12,1%	16,7%	71,2%	n. s.
<i>Línguas</i>	12,0%	12,0%	76,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	11,1%	11,1%	77,8%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	16,7%	19,4%	63,9%	n. s.
<i>Expressões</i>	0,0%	33,3%	66,7%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	8,3%	25,0%	66,7%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	2,8%	16,7%	80,6%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	19,4%	16,1%	64,5%	n. s.
<i>Mais de 30 anos</i>	14,3%	23,8%	61,9%	

Perante a hipótese de desenvolver actividades, durante as aulas, para prevenir o *cyberbullying* os professores responderam de forma claramente positiva, uma vez que 70,0% concordam com esta política e apenas 11,0% discordam, conforme se pode constatar no quadro XIX.

Mais uma vez, não se verificam diferenças estatisticamente significativas quando analisamos os dados referentes ao sexo, departamento curricular e tempo

de serviço dos professores. No entanto, ao analisarmos o quadro XIX verificamos que nenhum dos professores do departamento curricular de Expressões discordou deste item e que um terço deles se mostrou neutro.

Por outro lado, ao analisarmos os dados referentes ao tempo de serviço, verificamos que os professores entre os 11 e os 20 anos de serviço apresentam uma percentagem mais elevada (80,6%) do que os restantes grupos, cujos valores variam entre os 61,9% e os 66,7%.

Comparando com os resultados dos estudos internacionais, verificamos que os participantes canadianos têm uma posição diferente, uma vez que aproximadamente metade (53,2%) deles concorda com o desenvolvimento de actividades durante as aulas para prevenir o *cyberbullying*. Por outro lado, 84,0% dos professores turcos concordam com esta política. Mais uma vez, os professores portugueses apresentam resultados intermédios.

#### Quadro XX

Análise do item “Os Directores devem organizar actividades na escola para prevenir e lidar com problemas de *cyberbullying*.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<i>Actividades na escola</i>	0,0%	7,0%	93,0%	
<i>Masculino</i>	0,0%	14,7%	85,3%	
<i>Feminino</i>	0,0%	3,0%	97,0%	n. s.
<i>Línguas</i>	0,0%	4,0%	96,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	11,1%	88,9%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	0,0%	5,6%	94,4%	n. s.
<i>Expressões</i>	0,0%	9,5%	90,5%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	8,3%	91,7%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	0,0%	5,6%	94,4%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	6,5%	93,5%	n. s.
<i>Mais de 30 anos</i>	0,0%	9,5%	90,5%	

Pela análise do quadro XX, verificamos que quase todos os professores afirmam que os Directores devem organizar actividades na escola para prevenir e lidar com problemas de *cyberbullying*. Nenhum dos professores envolvidos no estudo discordou desta ideia.

Relativamente ao sexo, departamento curricular e ao tempo de serviço dos professores não se registam diferenças significativas.

Tal como os professores portugueses, os participantes turcos concordam claramente com esta política, uma vez que no estudo de Yılmaz (2010) 81,0% dos sujeitos concordam com a organização de actividades na escola. Os professores canadianos também concordam, na sua maioria, com esta ideia, mas numa percentagem mais baixa (53,1%) (Li, 2008b).

#### Quadro XXI

Análise do item “Devem ser administrados questionários aos alunos para os inquirir sobre as suas experiências como vítimas de *cyberbullying*.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<i>Administrar questionários</i>	1,0%	11,0%	88,0%	
<i>Masculino</i>	2,9%	14,7%	82,4%	
<i>Feminino</i>	0,0%	9,1%	90,9%	n. s.
<i>Línguas</i>	4,0%	4,0%	92,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	5,6%	94,4%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	0,0%	16,7%	83,3%	n. s.
<i>Expressões</i>	0,0%	14,3%	85,7%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	2,8%	11,1%	86,1%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	9,7%	90,3%	n. s.
<i>Mais de 30 anos</i>	0,0%	19,0%	81,0%	

Conforme se pode constatar no quadro XXI, a maioria dos professores (88,0%) considera que devem ser administrados questionários aos alunos para os

inquirir sobre as suas experiências como vítimas de *cyberbullying*. Apenas um em cada cem docentes, discorda desta posição.

Considerando o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço, verificamos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os diversos grupos.

Os resultados relativos a este item não se encontram explanados no estudo de Li (2008b), nem de Yılmaz (2010).

#### Quadro XXII

Análise do item “Devem ser formadas comissões nas escolas para examinar o problema do *cyberbullying*.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<i>Comissões nas escolas</i>	8,0%	30,0%	62,0%	
<i>Masculino</i>	5,9%	38,2%	55,9%	n. s.
<i>Feminino</i>	9,1%	25,8%	65,2%	
<i>Línguas</i>	12,0%	28,0%	60,0%	n. s.
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	11,1%	22,2%	66,7%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	5,6%	25,0%	69,4%	
<i>Expressões</i>	4,8%	47,6%	47,6%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	16,7%	83,3%	n. s.
<i>De 11 a 20 anos</i>	11,1%	25,0%	63,9%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	9,7%	35,5%	54,8%	
<i>Mais de 30 anos</i>	4,8%	38,1%	57,1%	

Quando questionados se devem ser formadas comissões nas escolas para examinar o problema do *cyberbullying*, 62,0% dos professores concordaram, 30,0% expressaram uma posição neutra e apenas 8,0% discordaram desta ideia, como se pode observar no quadro XXII.

Não se verificam diferenças estatisticamente significativas quando analisamos os dados referentes ao sexo, departamento curricular e tempo de serviço dos professores (cf. quadro XXII).

Apesar de não existirem diferenças significativas quando temos em conta o tempo de serviço dos professores, verificamos, pela análise do quadro XXII, que os professores com menos tempo de serviço (de 1 a 10 anos) são os que mais concordam com a formação de comissões nas escolas para examinar o fenómeno em estudo. De facto, nenhum destes professores discordou desta ideia, apenas 16,7% se mostraram neutros e a grande maioria, 83,3%, concordou. Os valores de concordância em relação aos restantes grupos variam entre os 57,1% e os 63,9%.

Estes resultados podem ser a expressão, tal como já foi referido em itens anteriores, do facto de os professores mais novos estarem mais ambientados com os meios onde o *cyberbullying* se propaga e, por isso, estarem mais sensibilizados para a existência de meios nas escolas para analisar o problema.

Os estudos de Li (2008b) e de Yılmaz (2010) não apresentam dados relativos a esta questão.

**Quadro XXIII**

Análise do item “As escolas devem discutir o problema do *cyberbullying* com os pais e encarregados de educação.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<b><i>Discutir com os pais e EE</i></b>	1,0%	5,0%	94,0%	
<i>Masculino</i>	0,0%	5,9%	94,1%	
<i>Feminino</i>	1,5%	3,0%	95,5%	n. s.
<i>Línguas</i>	0,0%	4,0%	96,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	5,6%	5,6%	88,9%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	0,0%	2,8%	97,2%	n. s.
<i>Expressões</i>	0,0%	4,8%	95,2%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	0,0%	5,6%	94,4%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	n. s.
<i>Mais de 30 anos</i>	4,8%	9,5%	85,7%	

Outra questão importante colocada aos professores relaciona-se com a discussão conjunta com pais e encarregados de educação sobre o problema do *cyberbullying*. Face a esta questão, a grande maioria dos professores, 94,0%, mostrou-se de acordo, enquanto apenas 1,0% discordou, como mostra o quadro XXIII.

Considerando o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço dos sujeitos não se verificam diferenças significativas.

Quando comparados com os estudos internacionais, os nossos resultados são semelhantes, ou seja, a maioria dos professores canadianos (67,5%) e turcos (85,3%) também concorda que este deve ser um assunto discutido com os pais. No entanto, os professores portugueses são os que indubitavelmente mais concordam com esta política.

**Quadro XXIV**

Análise do item “As assembleias de escola devem analisar o problema do *cyberbullying*.”

	<b>Discordo ou Discordo Muito</b>	<b>Não Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo ou Concordo Muito</b>	
<i>Assembleias de escola</i>	2,0%	18,0%	80,0%	
<i>Masculino</i>	2,9%	38,2%	58,8%	*t = 3,170
<i>Feminino</i>	1,5%	7,6%	90,9%	p < 0,01
<i>Línguas</i>	4,0%	8,0%	88,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	11,1%	88,9%	n. s.
<i>Ciências e Tecnologias</i>	2,8%	19,4%	77,8%	
<i>Expressões</i>	0,0%	33,3%	66,7%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	25,0%	75,0%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	2,8%	16,7%	80,6%	n. s.
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	12,9%	87,1%	
<i>Mais de 30 anos</i>	4,8%	23,8%	71,4%	

\*Teste t para duas amostras independentes

A questão analisada no quadro XXIV está, também, relacionada com o envolvimento da escola nesta temática. Ao serem questionados sobre se as assembleias de escola devem analisar o problema do *cyberbullying*, verificamos que 80,0% dos professores concordam e que apenas 2,0% discordam, sendo que a posição dos restantes 18,0% é neutra face a esta questão.

Pela análise do quadro XXIV, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas (t=3,170; p < 0,01) entre os professores do sexo masculino e os do sexo feminino face à questão em estudo. Assim, podemos afirmar que os professores do sexo feminino (90,9%) concordam mais do que os professores do sexo masculino (58,8%) que as assembleias de escola devem analisar o problema do *cyberbullying*. Os professores do sexo masculino (38,2%) apresentam uma maior percentagem de respostas neutras do que os do sexo feminino (7,6%). No entanto, em ambos os grupos, a percentagem de sujeitos que discorda desta ideia é muito baixa.

Estes resultados parecem contradizer os obtidos para o primeiro item do questionário, em que se questionava sobre se o *cyberbullying* é um problema das

escolas e onde os professores do sexo masculino, mais do que os do sexo feminino, consideraram que é um assunto sério. Assim, seria de esperar que, se os professores do sexo masculino reconhecem o *cyberbullying* como um problema nas escolas, concordassem com a análise do problema pelas assembleias de escola. Tal não aconteceu. No entanto, as professoras também se sentem menos confiantes do que os homens na identificação de situações de *cyberbullying* e, portanto, talvez sintam mais necessidade de discutir esta problemática, de modo a perceber se o *cyberbullying* é de facto um problema nas escolas.

Considerando o departamento curricular e o tempo de serviço dos professores, não se verificaram diferenças significativas nos resultados (cf. quadro XXIV).

Os estudos de Li (2008b) e de Yılmaz (2010) não apresentam dados relativos a esta questão.

**Quadro XXV**

Análise do item “As escolas devem criar parcerias com a Comunidade para lidar com o *cyberbullying*.”

	<b>Discordo ou Discordo Muito</b>	<b>Não Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo ou Concordo Muito</b>	
<b><i>Parcerias com a Comunidade</i></b>	2,0%	22,0%	76,0%	
<i>Masculino</i>	5,9%	23,5%	70,6%	n. s.
<i>Feminino</i>	0,0%	21,2%	78,8%	
<i>Línguas</i>	4,0%	16,0%	80,0%	n. s.
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	16,7%	83,3%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	2,8%	27,8%	69,4%	
<i>Expressões</i>	0,0%	23,8%	76,2%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	16,7%	83,3%	n. s.
<i>De 11 a 20 anos</i>	2,8%	19,4%	77,8%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	25,8%	74,2%	
<i>Mais de 30 anos</i>	4,8%	23,8%	71,4%	

As respostas sobre a criação de parcerias com a Comunidade para lidar com o *cyberbullying*, explanadas no quadro XXV, mostram que a maioria dos professores (76,0%) concorda com esta ideia. Apenas dois em cada cem sujeitos discordam da criação de parcerias.

Considerando o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço dos sujeitos não se verificam diferenças significativas (cf. quadro XXV).

Os estudos de Li (2008b) e de Yılmaz (2010) não apresentam dados relativos a esta questão.

**Quadro XXVI**

Análise do item “Os jovens devem ser aconselhados sobre como lidar com o *cyberbullying*.”

	<b>Discordo ou Discordo Muito</b>	<b>Não Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo ou Concordo Muito</b>	
<i>Aconselhar os jovens</i>	0,0%	2,0%	98,0%	
<i>Masculino</i>	0,0%	5,9%	94,1%	n. s.
<i>Feminino</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>Línguas</i>	0,0%	0,0%	100,0%	n. s.
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	0,0%	5,6%	94,4%	
<i>Expressões</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	n. s.
<i>De 11 a 20 anos</i>	0,0%	2,8%	97,2%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>Mais de 30 anos</i>	0,0%	4,8%	95,2%	

No que concerne ao aconselhamento dos jovens sobre como lidar com o *cyberbullying*, quase todos os professores manifestam uma posição de concordância, apenas 2,0% apresentam uma posição neutra e nenhum dos sujeitos discordou, conforme se pode constatar no quadro XXVI.

Considerando o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço dos sujeitos não se verificam diferenças significativas. É de salientar que em vários dos subgrupos analisados, a percentagem de concordância é de 100,0% (cf. quadro XXVI).

Li (2008b) não publicou resultados sobre este item do questionário, no entanto, no estudo de Yilmaz (2010) podemos verificar que, tal como os professores portugueses, a maioria dos professores turcos (79,1%) também concorda que os jovens sejam aconselhados.

**Quadro XXVII**

Análise do item “Os recursos da escola devem ser usados para ajudar os professores a lidar com o *cyberbullying*.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<b><i>Recursos da escola</i></b>	1,0%	9,0%	90,0%	
<i>Masculino</i>	0,0%	11,8%	88,2%	n. s.
<i>Feminino</i>	1,5%	7,6%	90,9%	
<i>Línguas</i>	0,0%	4,0%	96,0%	n. s.
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	16,7%	83,3%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	2,8%	11,1%	86,1%	
<i>Expressões</i>	0,0%	4,8%	95,2%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	* $\chi^2 = 16,416$ $p < 0,01$
<i>De 11 a 20 anos</i>	0,0%	5,6%	94,4%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	3,2%	96,8%	
<i>Mais de 30 anos</i>	4,8%	28,6%	66,7%	

\*Teste de Kruskal-Wallis

No quadro XXVII podemos analisar a posição dos professores sobre se os recursos da escola devem ser usados para ajudar os professores a lidar com o *cyberbullying* é claramente favorável. Nove em cada dez professores concordam com a utilização dos recursos e apenas 1,0% discorda.

Tendo em consideração o sexo e o departamento curricular dos professores não existem diferenças estatisticamente significativas nas suas posições. Os resultados, para cada um dos subgrupos são bastante favoráveis (cf. quadro XXVII).

Considerando o tempo de serviço dos professores, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas ( $\chi^2 = 16,416$ ,  $p < 0,01$ ). Pela análise do quadro XXVII, percebemos que os professores do subgrupo com mais de 30 anos de serviço são os que apresentam uma percentagem mais baixa, de 66,7%, quando comparados com os outros três subgrupos, cujos valores variam entre os 96,8% e os 100,0%.

Tal como já tínhamos referido anteriormente, uma possível explicação para este resultado será o facto dos professores com mais de 30 anos de serviço serem, logicamente, os mais velhos e, conseqüentemente, poderem ser os que menos à vontade têm com as tecnologias da informação e comunicação. Assim, poderão ter uma percepção mais difusa do fenómeno do *cyberbullying*. Apesar de terem apresentado uma percentagem mais baixa, a maioria concorda com a utilização dos recursos da escola; apenas 4,8% discordam, enquanto nos outros subgrupos nenhum dos sujeitos afirmou discordar. Mais de um quarto dos professores com mais de 30 anos de serviço mostra-se neutro perante esta questão, o que poderá resultar do seu insuficiente domínio sobre o fenómeno.

#### **4.5 – Formação sobre *cyberbullying***

Para perceber se os professores estão interessados em saber mais sobre *cyberbullying* foram apresentadas as seguintes afirmações: “A televisão e outros *media* devem discutir o problema do *cyberbullying*” (relacionada com a formação informal sobre o tema) e “Gostaria de aprender mais sobre *cyberbullying* na minha formação contínua”.

**Quadro XXVIII**

Análise do item “A televisão e outros *media* devem discutir o problema do *cyberbullying*.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<b><i>Televisão e media</i></b>	1,0%	7,0%	92,0%	
<i>Masculino</i>	2,9%	8,8%	88,2%	
<i>Feminino</i>	0,0%	6,1%	93,9%	n. s.
<i>Línguas</i>	0,0%	4,0%	96,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	2,8%	13,9%	83,3%	n. s.
<i>Expressões</i>	0,0%	4,8%	95,2%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	0,0%	11,1%	88,9%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	0,0%	0,0%	100,0%	n. s.
<i>Mais de 30 anos</i>	4,8%	14,3%	81,0%	

Em relação à questão sobre se a televisão e outros *media* devem discutir o problema do *cyberbullying*, os professores manifestam um elevado grau de concordância (92,0%). Apenas 1,0% referiu não concordar e 7,0% optaram pela posição neutra, como se pode observar no quadro XXVIII.

Considerando o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço dos sujeitos não se verificam diferenças significativas. Todos os subgrupos analisados apresentam uma percentagem bastante elevada de concordância face ao item em análise.

Os estudos de Li (2008b) e de Yılmaz (2010) não apresentam dados relativos a esta questão.

**Quadro XXIX**

Análise do item “Gostaria de aprender mais sobre *cyberbullying* na minha formação contínua.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<b><i>Quero saber mais</i></b>	<b>3,0%</b>	<b>12,0%</b>	<b>85,0%</b>	
<i>Masculino</i>	5,9%	14,7%	79,4%	
<i>Feminino</i>	1,5%	9,1%	89,4%	n. s.
<i>Línguas</i>	4,0%	4,0%	92,0%	
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	0,0%	16,7%	83,3%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	5,6%	13,9%	80,6%	n. s.
<i>Expressões</i>	0,0%	9,5%	90,5%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	0,0%	16,7%	83,3%	
<i>De 11 a 20 anos</i>	5,6%	8,3%	86,1%	n. s.
<i>De 21 a 30 anos</i>	3,2%	6,5%	90,3%	
<i>Mais de 30 anos</i>	0,0%	19,0%	81,0%	

No que concerne à questão sobre se querem saber mais sobre *cyberbullying* na sua formação contínua, os professores manifestam uma clara concordância (85,0%). Apenas 3,0% discordam e 12,0% optaram pela posição neutra, como se verifica no quadro XXIX.

Considerando o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço dos sujeitos não se verificam diferenças significativas. Todos os subgrupos analisados apresentam uma percentagem bastante elevada de concordância face ao item em análise.

Quando comparados com os estudos de Li (2008b) e de Yılmaz (2010), os nossos resultados são ainda mais elevados. No caso dos professores turcos o resultado é muito semelhante, de 79,1%. No entanto, os nossos dados e os de Yılmaz (2010) contradizem os de Li (2008b), onde apenas 44,4% dos sujeitos referiram querer aprender mais sobre o tema.

#### 4.6 – Abordagem dos professores

A afirmação “Converso com os meus alunos sobre *cyberbullying*”, não se encontra no questionário original de Li (2008b). No entanto, considerámos importante perceber se os professores costumam abordar o tema com os seus alunos.

**Quadro XXX**

Análise do item “Costumo conversar com os meus alunos sobre *cyberbullying*.”

	Discordo ou Discordo Muito	Não Concordo Nem Discordo	Concordo ou Concordo Muito	
<i>Converso com os alunos</i>	<b>32,0%</b>	<b>27,0%</b>	<b>41,0%</b>	
<i>Masculino</i>	32,4%	29,4%	38,2%	n. s.
<i>Feminino</i>	33,3%	24,2%	42,4%	
<i>Línguas</i>	28,0%	24,0%	48,0%	n. s.
<i>Ciências Sociais e Humanas</i>	33,3%	22,2%	44,4%	
<i>Ciências e Tecnologias</i>	36,1%	33,3%	30,6%	
<i>Expressões</i>	33,3%	19,0%	47,6%	
<i>De 1 a 10 anos</i>	33,3%	41,7%	25,0%	n. s.
<i>De 11 a 20 anos</i>	33,3%	19,4%	47,2%	
<i>De 21 a 30 anos</i>	32,3%	25,8%	41,9%	
<i>Mais de 30 anos</i>	33,3%	28,6%	38,1%	

Pela análise do quadro XXX, verificamos que cerca de um terço dos professores não costuma conversar com os alunos sobre *cyberbullying*, 27,0% manifestaram uma posição neutra e 41,0% afirmam que costumam conversar.

Considerando o sexo, o departamento curricular e o tempo de serviço dos sujeitos não se verificam diferenças significativas. Todos os subgrupos analisados apresentam uma percentagem bastante elevada de concordância face ao item em análise.

#### **4.7 – Comentários**

No final do questionário existia um pequeno espaço que permitia a possibilidade dos professores apresentarem os seus comentários ou observações; apenas 7 dos 100 inquiridos se pronunciaram.

Duas dessas opiniões referem-se ao facto de este tema dever ser “analisado escola a escola”, antes de serem tomadas medidas.

Um dos sujeitos expõe a sua preocupação perante a falta de tempo em cumprir os programas, dizendo, inclusive, que “fazer muita coisa pode ser perder tempo”.

Outra opinião vai no sentido de este ser um problema que tem vindo a aumentar e refere que talvez seja “devido à influência da televisão (filmes)”.

Um dos professores refere que, por não ter “informação específica sobre o tema”, não tem conversas sobre o assunto.

Relativamente ao envolvimento da escola, um dos comentários refere-se à necessidade de este ser um “problema que deve ser debatido por todos na escola e pedir ajuda para poder ser controlado, até às forças de segurança”.

Um dos professores reforça a questão da formação contínua, afirmando que “Seria de todo o interesse haver acções de formação sobre a matéria”.

Por fim, referimos o comentário de um dos professores que nos dá os “Parabéns pela escolha do tema”.

# Conclusões

---

“O combate ao problema do *cyberbullying* centrado na comunidade escolar como um todo deve promover a capacidade das escolas para se debruçarem sobre as questões associadas à literacia digital, à segurança on-line, e ao uso responsável e positivo das TIC.”

(Amado, Matos, & Pessoa, 2010, p. 321)

Com esta investigação pretendemos perceber o pensamento dos professores sobre o fenómeno do *cyberbullying*. Apesar de ser um termo ainda desconhecido por muitos, os casos de vítimas ou de agressores deste tipo de *bullying* começam a ser cada vez mais frequentes nos *media* e nos corredores das nossas escolas.

Por este ser um fenómeno que pode ter consequências gravíssimas na vida escolar e pessoal dos nossos alunos, pretendemos averiguar sobre a necessidade de formação de professores sobre *cyberbullying*.

Nesta dissertação, começámos por analisar o estado da arte sobre esta temática, desde a definição, passando pelas faces, consequências, prevalência em

Portugal e no Mundo, à importância da prevenção e do papel desempenhado pela escola no combate a esta problemática.

De seguida, procurámos perceber em que bases assenta a formação contínua dos professores e qual a oferta existente na área da segurança da Internet ou, mais especificamente, em *cyberbullying*.

Para podermos averiguar o pensamento dos professores recorremos à utilização de um questionário utilizado no Canadá, cujo estudo foi replicado na Turquia, o que nos permitiu garantir um certo grau de confiança no instrumento e que nos possibilitou a comparação dos nossos dados com os resultados internacionais.

Este questionário foi respondido por 100 professores do 3.º ciclo e do Ensino Secundário, de escolas de áreas urbanas do distrito de Coimbra.

Após a análise e a discussão dos resultados apresentamos aqui as principais conclusões do nosso estudo, utilizando as questões de investigação apresentadas no Capítulo 3 como guia.

### **1. Em que medida é que os professores estão preocupados com o *cyberbullying*?**

A primeira conclusão é que os professores acreditam que o *cyberbullying* é um problema nas escolas. Apesar de este ser um fenómeno relativamente recente, os professores reconhecem que ele existe. Verificámos, também, que existem diferenças significativas quando analisámos as respostas tendo em conta o sexo dos docentes. Os professores do sexo masculino, mais do que os do sexo feminino, consideraram que este é um assunto sério.

A grande maioria dos docentes reconhece que os jovens são afectados pelo *cyberbullying*, o que nos mostra que, apesar de este ser um problema que se propaga em meios que os adultos, por vezes, não dominam tão bem como os

jovens e de ser um fenómeno que não deixa marcas físicas, os professores estão cientes de que as suas consequências podem afectar significativamente a vida dos seus alunos.

## **2. Qual a confiança dos professores para identificar situações de *cyberbullying*?**

Os resultados desta investigação mostram que apenas um terço dos professores se sente confiante em identificar situações de *cyberbullying*. Esta evidência pode ser o resultado da falta de formação que existe sobre a problemática junto da classe docente.

Relativamente a esta questão, verificámos que os professores do sexo masculino sentem-se cerca de duas vezes mais confiantes em identificar situações de *cyberbullying* do que as suas colegas do sexo feminino. Estes resultados corroboram os resultados anteriores, uma vez que os homens reconhecem, mais do que as mulheres, que o *cyberbullying* é um problema sério.

Concluimos, também, que existem diferenças significativas no grau de confiança em identificar situações de *cyberbullying* entre os professores dos vários departamentos curriculares, sendo que os de Ciências Sociais e Humanas são os que se sentem menos confiantes. Sendo esta uma área menos ligada às tecnologias da informação e comunicação será necessário uma aposta maior na formação destes professores quando comparados com os de Ciências e Tecnologias, que são os que se sentem mais confiantes.

Sabemos que a detecção precoce de casos de agressões, independentemente do tipo, pode ajudar a minimizar as suas consequências. Sabemos também que, muitas vezes, são os professores que detectam que algo de estranho está a acontecer na vida dos jovens. Assim, é de extrema importância que os professores sejam informados e formados de modo a que consigam identificar situações desta natureza.

**3. Em que medida é que os professores se sentem preparados para aconselhar os alunos sobre *cyberbullying*?**

Concluimos que metade dos professores se sente preparado para aconselhar os alunos sobre *cyberbullying*. Estes resultados são mais animadores do que os anteriores. No entanto, consideramos que se os docentes não se sentem confiantes em identificar situações de *cyberbullying*, também podem não saber qual a melhor forma de aconselhar os seus alunos. Mais uma vez, a falta de informação pode impedir a prevenção e o combate ao problema.

**4. Em que medida é que os professores pensam que o envolvimento da escola é importante?**

Uma conclusão muito importante é que a maioria dos professores reconhece que o envolvimento da escola na prevenção e no combate ao *cyberbullying* é crucial. De facto, os professores concordam que a promoção de políticas de prevenção na escola, a formação de professores, o desenvolvimento de actividades em sala de aula, o envolvimento dos encarregados de educação e da comunidade, sejam estratégias a desenvolver nas escolas. A percentagem mais baixa, nos itens relacionados com o envolvimento da escola, tem a ver com inclusão do *cyberbullying* no currículo, ainda assim, mais de metade dos professores concorda com esta ideia.

Os resultados mostram que os professores com mais de 30 anos de serviço consideram menos importante, do que os restantes, que os recursos da escola sejam usados para ajudar os professores a lidar com o *cyberbullying*. Apesar disso, dois terços destes docentes concorda com esta política.

**5. Em que medida é que os professores querem aprender mais sobre *cyberbullying* na sua formação contínua?**

Os resultados desta investigação mostram-nos que a grande maioria dos professores (85%) afirma que gostaria de aprender mais sobre *cyberbullying* na sua formação contínua.

Perante estes resultados, consideramos que é de extrema importância haver oferta formativa, nos Centros de Formação de Associação de Escolas, nesta área.

**6. Os professores costumam conversar com os alunos sobre *cyberbullying*?**

Verificámos que cerca de um terço dos professores não costuma conversar com os alunos sobre *cyberbullying* e que 40,0 % afirmam fazê-lo.

**Considerações finais**

---

Consideramos que, tal como Hinduja e Patchin (2010b), a discussão de assuntos relacionados com o uso seguro e responsável da Internet deve ser reforçada nas aulas com recurso a tecnologias. Na verdade, existe uma grande aposta por parte dos responsáveis governamentais em formar e certificar os professores em tecnologias da informação e comunicação e, como consequência, as tecnologias são cada vez mais um recurso presente nas nossas aulas. Conjuntamente com o seu uso é necessário prevenir e formar os nossos alunos para uma utilização consciente da Internet e das suas potencialidades.

“As escolas desempenham um papel fundamental na prevenção e detecção de casos de *cyberbullying*, bem como nas medidas a serem adoptadas para lidar com o fenómeno” (Matos, et al., *in press*). Verificámos que os professores concordam, de forma incontestável, com a aplicação e desenvolvimento de

diversas medidas a este nível. No entanto, verificámos, também, que o nível de confiança dos professores em detectar situações de *cyberbullying* não é animador e que tal se pode dever ao facto de os professores terem grandes lacunas na sua formação sobre esta realidade.

Paralelamente à aposta na formação em tecnologias da informação e comunicação, é preciso formar os nossos professores em *cyberbullying*, de modo a que possam identificar, aconselhar e, principalmente, ajudar na prevenção de situações desta natureza.

Este estudo apresenta algumas limitações. A principal centra-se no facto de a amostra ser maioritariamente constituída por professores do ensino secundário. O facto de uma escola do 3.º ciclo do ensino básico se ter recusado a colaborar nesta investigação e o condicionalismo temporal do mestrado, foram dois obstáculos para o alargamento da amostra a outras escolas e a outros níveis de ensino. Assim, consideramos que as investigações futuras devem abranger professores de todos os níveis de ensino, desde o 1º ciclo, onde se promove o uso do portátil Magalhães, passando pelos 2º e 3º ciclos, até ao ensino secundário. Achamos, também, que é importante perceber qual é o conhecimento que os professores, que utilizam, recorrentemente, a Internet nas suas aulas, têm sobre a prevenção e/ou combate do problema.

O *cyberbullying* é uma realidade recente no nosso país. Consequentemente, os estudos realizados sobre a temática são escassos. Portanto, pensamos que quaisquer estudos em torno desta problemática são uma mais-valia na prevenção do fenómeno.

É verdade que este é um estudo exploratório, no entanto, com base nos resultados obtidos e atendendo ao facto deste fenómeno poder trazer consequências graves no rendimento escolar dos nossos alunos, consideramos que pode contribuir com duas implicações importantes para a prática educativa, a saber:

1. Integração e aprofundamento de conteúdos relacionados com a prevenção do *cyberbullying* nos cursos de formação contínua integrados no Sistema de Formação e de Certificação em Competências TIC;
2. Promoção e implementação de projectos de prevenção do *cyberbullying*.

Todos os agentes educativos, pessoal docente, pessoal não docente, pais, famílias, encarregados de educação, devem estar cientes desta problemática. A implementação de projectos a nível de escola pode ser a rampa de lançamento para uma utilização segura, atenta e consciente das tecnologias da informação e comunicação. A melhor forma de evitar consequências é a prevenção. No entanto, precisamos de estar informados para educar...

## Bibliografia

---

- Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (5ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Amado, J. (2009). *Introdução à Investigação Qualitativa em Educação (Investigação Educacional II)*. Relatório de Provas de Agregação. Universidade de Coimbra (Texto não publicado).
- Amado, J. (2010). *Da indisciplina escolar ao cyberbullying...*. Coimbra: Portal do Ensino à Distância da Universidade de Coimbra.
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jäger, T. (2009). Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. *Interacções*, 13, 301-326.
- Amado, J., Matos, A., & Pessoa, T. (2010). Cyberbullying: The situation in Portugal. In J. A. Mora-Merchán, & T. Jäger (Eds.), *Cyberbullying: A cross-national comparison* (pp. 131-145). Landau: Verlag Empirische Pädagogik.
- Amado, J., Vieira, C., Matos, A., & Pessoa, T. (2011). Distance learning in the training of teachers about violence and conflict management in schools: the case of VGCE in the University of Coimbra [versão electrónica]. Actas da Conferência *Internacional The Future of Education*, Florença, 16 e 17 de Junho de 2011. Consultado em Junho 28, 2011, disponível em [http://www.pixel-online.net/edu\\_future/common/download/Paper\\_pdf/ELE18-Amado.pdf](http://www.pixel-online.net/edu_future/common/download/Paper_pdf/ELE18-Amado.pdf).
- Belsey, B. (2005). *Cyberbullying: An emerging threat to the always on generation* [versão electrónica]. Consultado em Abril 25, 2010, disponível em [http://www.cyberbullying.ca/pdf/cyberbullying\\_Article\\_by\\_Bill\\_Belsey.pdf](http://www.cyberbullying.ca/pdf/cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf).

- Beran, T., & Li, Q. (2007). The relationship between Cyberbullying and School Bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1(2), 15-33.
- Campbell, M. (2005). Cyber bullying: An Old Problem in a New Guise?, *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 15(1), 68-76.
- Campos, M. (2009). *Cyberbullying. Natureza e Ocorrência em Contexto Português*. (Tese de Mestrado não publicada). Instituto Universitário de Lisboa: Lisboa.
- Cox Communications (2009). *Teen online & wireless safety survey: cyberbullying, sexting, and parental controls* [versão electrónica]. Consultado em Abril 25, 2011, disponível em [www.cox.com/takecharge/safe\\_teens\\_2009/media/2009\\_teen\\_survey\\_internet\\_and\\_wireless\\_safety.pdf](http://www.cox.com/takecharge/safe_teens_2009/media/2009_teen_survey_internet_and_wireless_safety.pdf).
- Dehue, F., Bolman, C., & Völink, T. (2008). Cyberbullying: Youngsters' Experiences and Parental Perception. *CyberPsychology & Behavior*, 11 (2), 217-223.
- Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. (2011). *Estatísticas da Educação* [versão electrónica]. Consultado em Abril 15, 2011, disponível em [http://estatisticas.gepe.min-edu.pt/vistas.jsp?vm\\_id=425](http://estatisticas.gepe.min-edu.pt/vistas.jsp?vm_id=425).
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). Cyberbullying: An Exploratory analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant Behavior*, 29, 2, 129-156.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010a). Bullying, Cyberbullying, and Suicide. *Archives of Suicide Research*, 14 (3), 206-221.

- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010b). *Cyberbullying fact sheet: Identification, Prevention, and Response* [versão electrónica]. Consultado em Abril 18, 2011, disponível em [http://www.cyberbullying.us/cyberbullying\\_Identification\\_Prevention\\_Response\\_Fact\\_Sheet.pdf](http://www.cyberbullying.us/cyberbullying_Identification_Prevention_Response_Fact_Sheet.pdf).
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010c). *Cyberbullying Research Center* [versão electrónica]. Consultado em Abril 18, 2011, disponível em <http://www.cyberbullying.us/research.php>.
- Huang, Y., & Chou, C. (2010). An analysis of multiple factors of *cyberbullying* among junior high school students in Taiwan. *Computers in Human Behavior*, 26, 1581-1590.
- InternetSegura. (2007). *Sobre o Projecto Internet Segura* [versão electrónica]. Consultado em Abril 18, 2011, disponível em <http://www.internetsegura.pt/pt-PT/Sobre/ContentDetail.aspx>.
- Kowalski, R., & Limber, S. (2007). Electronic Bullying Among Middle School Students. *Journal of Adolescent Health*, 41, 22-30.
- Li, Q. (2005). New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. *Computers in Human Behavior*, 23(4), 1777-1791.
- Li, Q. (2006). Cyberbullying in Schools: A Research of Gender Differences. *School Psychology International*, 27 (2), 157-170.
- Li, Q. (2008a). A cross-cultural comparison of adolescents' experience related to *cyberbullying*. *Educational Research*. 50(3), 223-234.
- Li, Q. (2008b). Cyberbullying in schools: An examination of preservice teachers' perception. *Canadian Journal of Learning and Technology*, 34 (2), 75-90.

- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). *Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full Findings*. LSE, London: EU Kids Online.
- Matos, A., Pessoa, T., Amado, J., & Jäger, T. (*in press*). Agir contra o *Cyberbullying* – Manual de Formação. Comunicação ao Congresso: "Literacia, Media e Cidadania". Braga: Universidade do Minho.
- Ministério da Educação. (2009). *Plano Tecnológico da Educação* [versão electrónica]. Consultado em Abril 18, 2011, disponível em <http://www.pte.gov.pt/pte/PT/Projectos/index.htm>.
- Ministério da Educação. (2010). *Plano Tecnológico da Educação* [versão electrónica]. Consultado em Abril 18, 2011, disponível em <http://www.min-edu.pt/index.php?s=white&pid=611>.
- Neves, J. P., & Pinheiro, L. (2009). *A emergência do cyberbullying: uma primeira aproximação* [versão electrónica]. Comunicação às Conferências Lusófona, 6º Congresso SOPCOM, 4962-4974. Consultado em Abril 7, 2010, disponível em [http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/viewFile/279/254](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/279/254).
- Nocentini, A., Calmaestra, J., Schultze-Krumbholz, A., Scheithauer, H., Ortega, R., & Menesini, E. (2010). Cyberbullying: Labels, behaviours and definition in three European countries. *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 20, 129–142.
- Novo, C. (2009). Bullying e as tecnologias da comunicação: do uso ao abuso. *Interacções*, 13, 327-337.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory* (2ª ed.). New York: McGraw-Hill.

- Ortega, R., Calmaestra, J., & Mora-Merchán, J. A. (2008). Cyberbullying. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8(2), 183-192.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de Dados para Ciências Sociais – A Complementaridade do SPSS* (4ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pieters, A., & Krupin, C. (2010). *Youth online behavior* [versão electrónica]. Consultado em Abril 15, 2011, disponível em [http://safekids.com/mcafee\\_harris.pdf](http://safekids.com/mcafee_harris.pdf).
- Pinheiro, L. O. (2009). *Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica*. (Tese de Mestrado não publicada). Universidade do Minho: Braga.
- PORDATA. (2010). *Computadores com ligação à Internet em % do total de computadores no ensino básico e secundário: total e por nível de ensino – Continente* [versão electrónica]. Consultado em Abril 15, 2011, disponível em [http://www.pordata.pt/azap\\_runtime/?n=4](http://www.pordata.pt/azap_runtime/?n=4).
- SeguraNet. (2007). *SeguraNet* [versão electrónica]. Consultado em Abril 18, 2011, disponível em <http://www.seguranet.pt>.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385.
- Steffgen, G., & König, A. (2009). Cyber bullying: The role of traditional bullying and empathy. In B. Sapeo, L. Haddon, E. Mante-Meijer, L. Fortunati, T. Turk & E. Loos (Eds.), *The good, the bad and the challenging*. Conference Proceedings (Vol. II; pp. 1041-1047). Brussels: Cost office.
- Tuckamn, B. W. (2005). *Manual de Investigação em Educação* (3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Ventura, P. (2011). *Incidência e impacto do cyberbullying nos alunos do terceiro ciclo do ensino básico português*. (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Granada: Granada.
- Willard, N. (2007). *Educator's guide to cyberbullying and cyberthreats* [versão electrónica]. Consultado em Abril 13, 2010, disponível em <http://www.cyberbully.org/cyberbully/docs/cbcteducator.pdf>.
- Ybarra, M. (2004). Linkages between depressive symptomatology and Internet harassment among young regular Internet users. *Cyberpsychology & Behavior*, 7(2), 247–57.
- Ybarra, M. L., Diener-West, M., & Leaf, P. J. (2007). Examining the overlap in internet harassment and school bullying: implications for school intervention. *Journal of Adolescent Health*, 41, 42-50.
- Yılmaz, H. (2010). An Examination of Preservice Teachers' Perceptions of cyberbullying. *EURASIA Journal of Mathematics, Science and Technology Education*, 6(4), 263-270.

### ***Legislação consultada***

Decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de Novembro

Resolução do Conselho de Ministros n.º 137/2007, de 18 de Setembro

Despacho n.º 7465/2008, de 13 de Março

Portaria n.º 731/2009, de 7 de Julho

## **Anexos**

**Anexo I: Survey on School cyberbullying for Preservice Teachers (Li, 2008b)**

<b>About You: Gender:</b> Male [ ] Female [ ] <b>Year in Program:</b> 1 <sup>st</sup> 2 <sup>nd</sup> or more					
Please state how much you agree with the following statements. Circle a number from 1-5 where 1 states you strongly disagree and 5 states you strongly agree.					
Please think of children in Kindergarten to grade 12 in local schools when answering these questions.					
	Strongly Disagree			Strongly Agree	
1. Cyberbullying is a problem in schools .....	1	2	3	4	5
2. Children are affected by cyberbullying .....	1	2	3	4	5
3. I am concerned about cyberbullying.....	1	2	3	4	5
4. I feel confident in identifying cyberbullying .....	1	2	3	4	5
5. I confident in managing cyberbullying.....	1	2	3	4	5
6. If I knew cyberbullying at a school I would do something	1	2	3	4	5
7. Schools should develop policies on cyberbullying.....	1	2	3	4	5
8. Schools should use professional development days to train staff about cyberbullying.....	1	2	3	4	5
9. Teachers should use a curriculum on cyberbullying to teach children.....	1	2	3	4	5
10. Teachers should organize classroom activities to deal with cyberbullying .....	1	2	3	4	5
11. School administrators should organize school-wide activities to deal with cyberbullying.....	1	2	3	4	5
12. Surveys should be given to children to ask them about their experiences of being cyberbullied .....	1	2	3	4	5
13. Committees should be formed in schools to look at the problem of cyberbullying.....	1	2	3	4	5
14. Schools should discuss cyberbullying with parents.....	1	2	3	4	5
15. School assemblies should address cyberbullying .....	1	2	3	4	5
16. Schools should link with community resources to deal with cyberbullying .....	1	2	3	4	5
17. TV and other media should discuss cyberbullying.....	1	2	3	4	5

18. Children should receive counseling to deal with cyberbullying .....	1	2	3	4	5
19. School resources should be used to help teachers deal with cyberbullying .....	1	2	3	4	5
20. My current university education has been preparing me to manage cyberbullying.....	1	2	3	4	5
21. I want to learn more about cyberbullying in my university education .....	1	2	3	4	5
22. In comparison to other topics I want covered in my university education, cyberbullying is just as important ...	1	2	3	4	5
Do you have any other comments about school cyberbullying? (use the other side if needed)					

Anexo II: Questionário para Professores sobre Cyberbullying nas Escolas



Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação  
Universidade de Coimbra

Questionário

(Questionário para Professores sobre *Cyberbullying* nas Escolas)

Tanto as crianças/jovens como os professores utilizam diariamente as novas tecnologias da informação e comunicação, quer em contexto de sala de aula quer no conforto dos seus lares. Para além de todas as vantagens inerentes a esta utilização, verifica-se a existência de acções intencionais e repetidas, tais como ameaças, difamações, perseguições, publicação de fotografias embaraçosas, roubo de identidade, entre outras, realizadas com recurso ao telemóvel e aos serviços disponibilizados na Internet (Facebook, Hi5, blogues, *chats*, e-mail, etc.). Este fenómeno, designado *cyberbullying*, é uma realidade muito actual e presente na vida dos jovens das nossas escolas.

De modo a podermos construir uma ideia fundamentada acerca do pensamento dos professores relativamente a esta temática, venho solicitar-lhe o favor de responder ao seguinte questionário.

As suas respostas são confidenciais.

Desde já agradeço a sua disponibilidade

Susana Veiga Simão

Sexo: Feminino  Masculino

Idade: \_\_\_\_

Tempo de serviço: \_\_\_\_ anos

Nível de ensino em que lecciona: 3º Ciclo  Secundário

Grupo de recrutamento: \_\_\_\_\_

Assinale com uma única cruz (X) a opção que melhor descreve a sua opinião, relativamente a cada uma das afirmações.

Afirmações	Respostas				
	Discordo muito	Discordo	Não discordo, nem concordo	Concordo	Concordo muito
1. O <i>cyberbullying</i> é um problema nas escolas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os jovens são afectados pelo <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Afirmações	Respostas				
	Discordo muito	Discordo	Não discordo, nem concordo	Concordo	Concordo muito
3. Estou preocupado com o <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Sinto-me confiante na minha capacidade de identificar situações de <i>cyberbullying</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sei aconselhar os meus alunos sobre situações de <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Se soubesse que existia <i>cyberbullying</i> na minha escola tomaria uma atitude.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. As escolas devem promover políticas de prevenção do <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. As escolas devem ter acções de formação para pessoal docente sobre <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Os professores devem incluir o <i>cyberbullying</i> no currículo de modo a informar os jovens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Os professores devem desenvolver actividades, durante as aulas, para prevenir o <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Os Directores devem organizar actividades na escola para prevenir e lidar com problemas de <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Devem ser administrados questionários aos alunos para os inquirir sobre as suas experiências como vítimas de <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Devem ser formadas comissões nas escolas para examinar o problema do <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. As escolas devem discutir o problema do <i>cyberbullying</i> com os pais e encarregados de educação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. As assembleias de escola devem analisar o problema do <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. As escolas devem criar parcerias com a Comunidade para lidar com o <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Respostas	Discordo muito	Discordo	Não discordo, nem concordo	Concordo	Concordo muito
<b>Afirmações</b>					
17. A televisão e outros <i>media</i> devem discutir o problema do <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Os jovens devem ser aconselhados sobre como lidar com o <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Os recursos da escola devem ser usados para ajudar os professores a lidar com o <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Gostaria de aprender mais sobre <i>cyberbullying</i> na minha formação contínua.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Costumo conversar com os meus alunos sobre <i>cyberbullying</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Comentários/Observações</b>					
<p>Muito obrigada.</p>					

### Anexo III: Pedido de autorização do inquérito, com a designação Questionário para Professores sobre *Cyberbullying* nas Escolas

**Data:** 9 Oct 2010 11:27:46 +0100 [09-10-2010 12:27:46 CEST]  
**De:** mime-noreply@gepe.min-edu.pt  
**Para:** c.directivo@fpce.uc.pt, joaoamado@fpce.uc.pt  
**Assunto:** Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Registo de inquérito.

Show this HTML in a new window?

Exmo(a)s. Sr(a)s.

Foi registado no sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (<http://mime.gepe.min-edu.pt>) um pedido de autorização de inquérito com os seguintes dados:

- Número de registo: 0027100010
- Nome da Entidade: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra
- Nome do Interlocutor: João da Silva Amado
- Designação do inquérito: Questionário para Professores sobre Cyberbullying nas Escolas

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

Este pedido vai ser analisado pela Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, e a decisão tomada será comunicada via e-mail.

Desde já agradecemos a sua colaboração, e brevemente entraremos em contacto consigo.

Remover | Responder | Encaminhar | Redireccionar | Lista Negra | Lista Branca | Código-fonte da Mensagem | Guardar como | Imprimir | Cabeçalhos

**Data:** 19 Oct 2010 15:45:34 +0100 [19-10-2010 16:45:34 CEST]  
**De:** mime-noreply@gepe.min-edu.pt  
**Para:** c.directivo@fpce.uc.pt, joaoamado@fpce.uc.pt  
**Assunto:** Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0027100010

Show this HTML in a new window?

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0027100010, com a designação *Questionário para Professores sobre Cyberbullying nas Escolas*, registado em 09-10-2010, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo(a). Senhor(a) Dr(a) João da Silva Amado

Venho por este meio informar que o pedido de realização de questionário em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

Isabel Oliveira

Directora de Serviços de Inovação Educativa

DGIDC

Observações:

1 - Substituir a variável "Género" pela variável "Sexo"

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

Remover | Responder | Encaminhar | Redireccionar | Lista Negra | Lista Branca | Código-fonte da Mensagem | Guardar como | Imprimir | Cabeçalhos

**Anexo IV:** Carta entregue aos Directores das escolas



Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação  
Universidade de Coimbra  
Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores

Coimbra, 29 de Outubro de 2010

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director da  
Escola .....

**Assunto:** Autorização para aplicação de um questionário a professores sobre *Cyberbullying*.

João da Silva Amado, professor da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, na qualidade de orientador da dissertação de Mestrado de **Susana Veiga Simão de Azevedo Pereira**, em Ciências da Educação, na especialidade de *Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores*, subordinada ao título *Cyberbullying: o pensamento dos professores*, vem, por este meio, **solicitar a colaboração da escola** que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> dirige, num estudo que a referida mestranda está a empreender.

Trata-se de um estudo centrado no pensamento dos professores sobre o fenómeno do *Cyberbullying* e nas necessidades de formação sobre o tema; nesse sentido, a colaboração pretendida prende-se com a autorização e criação de condições para podermos aplicar um pequeno questionário junto dos docentes.

Anexa-se a autorização concedida pela Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, necessária, ao abrigo do Despacho n.º 15 847/2007 de 23 de Julho, para realizar investigação em meio escolar público.

Aguardando a resposta de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>,

Subscrevo-me atenciosamente,

*João Amado*  
(Prof. da Universidade de Coimbra)